

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

Lara Machado Bitencourt

CAMINHOS DO TORNAR-SE GEÓGRAFA EM PORTO ALEGRE/RS

Dissertação de mestrado

Porto Alegre, abril de 2020.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

Lara Machado Bitencourt

CAMINHOS DO TORNAR-SE GEÓGRAFA EM PORTO ALEGRE/RS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como pré-requisito para obtenção do título de Mestre em Geografia

Orientação: Prof.^a Dr^a Cláudia Luisa Zeferino Pires

Porto Alegre
2020

CIP - Catalogação na Publicação

Bitencourt, Lara Machado
Caminhos do tornar-se geógrafa em Porto Alegre/RS /
Lara Machado Bitencourt. -- 2020.
93 f.
Orientadora: Cláudia Luisa Zeferino Pires.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Instituto de Geociências, Programa
de Pós-Graduação em Geografia, Porto Alegre, BR-RS,
2020.

1. Narrativas. 2. Cartografias de Trajetórias. 3.
Lugar. I. Pires, Cláudia Luisa Zeferino, orient. II.
Título.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

Lara Machado Bitencourt

CAMINHOS DO TORNAR-SE GEÓGRAFA EM PORTO ALEGRE/RS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como pré-requisito para obtenção do título de Mestre em Geografia

Orientação: Prof.^a. Dr.^a Cláudia Luisa Zeferino Pires

Banca avaliadora:

Prof.^a. Dr.^a Roselane Zordan Costella - UFRGS

Prof.^a. Dr.^a Heloisa Gaudie Ley Lindau - ULBRA

Prof.^a. Dr.^a Camila Xavier Nunes – Colégio Marista Pio XII

Porto Alegre
2020

AGRADECIMENTOS

As páginas a seguir são resultados de minhas caminhadas pela Geografia na companhia de sujeitos que admiro imensamente e agradeço, seja pela parceria, suporte ou inspiração. Os agradecimentos nominais vão especialmente para os lugares que as pessoas fazem em mim, principalmente:

A Claudia Pires, professora, colega, amiga e companheira de batalhas quilombolas. Gracias pela acolhida, a confiança e o crescimento que me instiga desenvolver ao teu lado. Que bom! E ainda bem que é contigo, gracias mil.

A Marília Guimarães, o Felipe Franco e o João Pedro Izé, pelo primeiro coletivo revolucionário ultra jovem, e as primeiras pistas do que podemos nos tornar como profissionais. Obrigada pelos sonhos compartilhados e por defender nosso direito de sonhar.

Ao Stalin Braga, que tem nome de ditador, mas coração de princesa. Contigo, compartilho essa laboriosa amizade de gente grande. Só a gente sabe o tamanho do corre, mana! Axé e sucesso para nós nessas voltas, que com sorte, tragam alguma resposta.

Ao Matheus Penha e a Winnie Dobal pelas correrias, risadas, angústias compartilhadas e a presença mais que precisa nas horas de grande sufoco. Crescemos juntos e seguimos. Gracias!

Ao Fernando Rodrigues, o Nandinho, amigo nas horas de decadência e de glória. Gracias pelo poder de rir de nós mesmos.

As geógrafas inspirações para este trabalho, muito obrigada pelo tempo e as memórias compartilhadas. Aprendi e aprendo muito com vocês, gracias pela generosidade.

Aos professores que compuseram a banca de qualificação, Adriana Dorfman, Tânia Bloomfield e Nelson Rego, pelo olhar generoso ao dar rumo para um amontoado de coisas reunido. Gracias pela experiência.

A Laisa Zatti, prodigiosa geógrafa da qual tenho o prazer de acompanhar o desabrochar de seu tornar-se, gracias pelos mapas daqui e de tantos outros lugares.

A Comissão de Graduação - COMGRAD Geografia - por ceder os dados primários sobre os ingressos e egressos do curso de Geografia da UFRGS que possibilitaram a elaboração do gráfico que compõem esse material.

A Rosângela a Janja, e a Karina Ellias do Quilombo dos Alpes, que me formam geógrafa, advogada, assistente social e professora com a generosidade gerada pela necessidade e a ancestral sabedoria de disputar a cidade. Estendo esse agradecimento também aos alunos das oficinas de letramento. Gracias pela confiança e a renovada esperança na educação.

Ao Colégio de Aplicação (CAP) pela primeira experiência como professora, aos alunos da Equipe Pixel e seus ensinamentos, e por lá poder reconhecer no meio de tantos, os amigos Vanderlei Machado e Lorenzo Soares, gracias.

Ao Núcleo de Estudos Geografia e Ambiente, o NEGA, pelos sujeitos e as propostas de trabalho que me desafiam e encantam a perseverar nos caminhos da pesquisa-ensino-extensão universitária.

A Andrea Alves pela acolhida e o tratamento físico e mental para domar essa escrita.

As madrugadas, nos dias de frio e de calor, sem as quais não poderia desenvolver esse trabalho.

Ao Francis, com o carinho de quem se reencontra. Gracias a esse e aos próximos tantos recomeços ao teu lado.

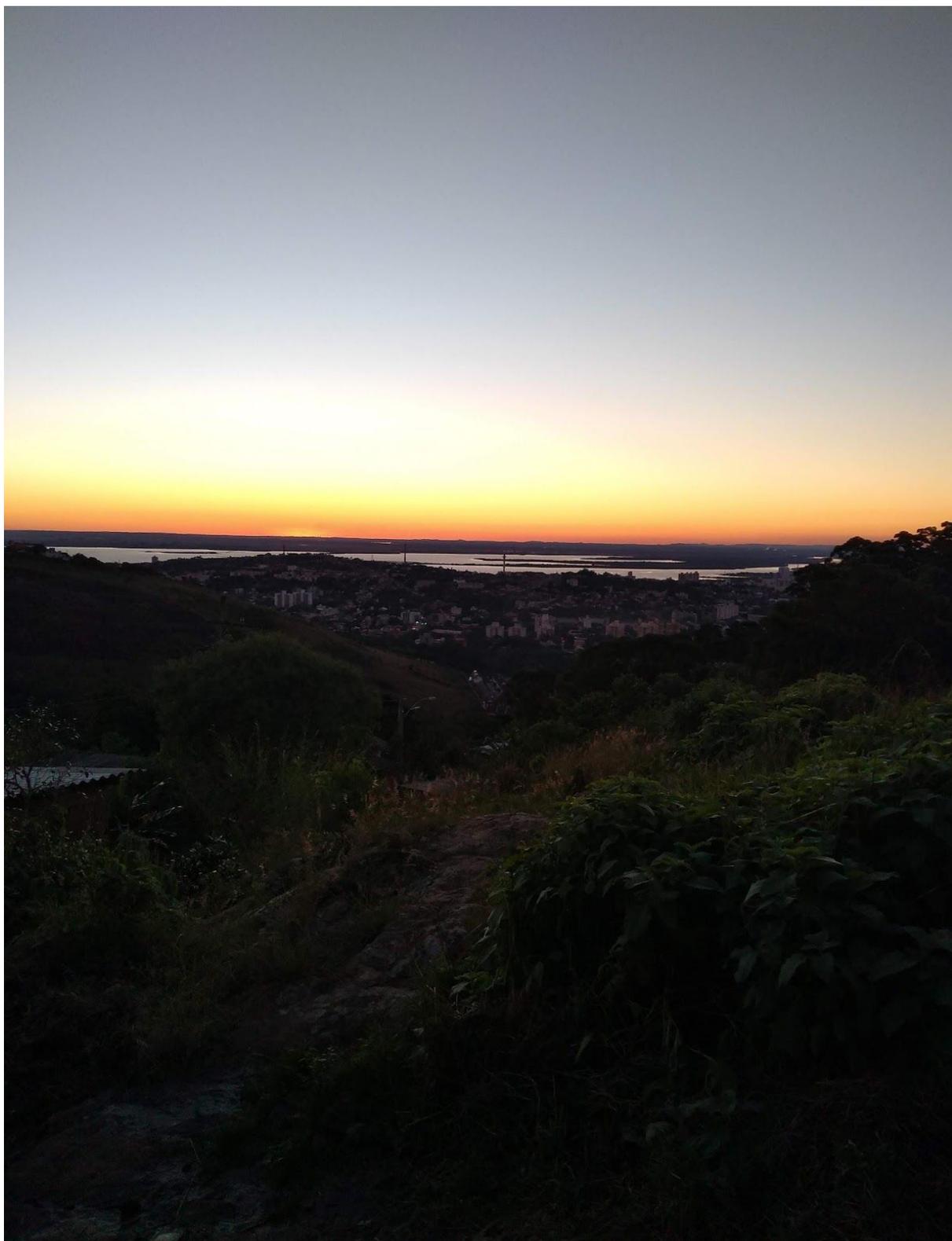
A minha mãe Madalena Bitencourt, pelo privilégio de nascer e crescer com tranquilidade e meios para ser mais. Gracias pelas pistas do que foi e do que é ser mulher.

A minha sobrinha Roberta, pela folia da infância em suas certezas e descobertas. Aprendo contigo a ser e as possibilidades do ser mulher. Gracias!

Por fim, sou grata a vida, e sua segunda chance mediada pelo meu querido e saudoso Antonio. Obrigada passarinho, por me permitir renascer, refazer, retomar, reinventar e seguir caminhando. *Te extraño.*

Após a defesa, realizada em 08 de junho de 2020, alguns agradecimentos devem ser incluídos ao finalizar este trabalho:

Agradeço imensamente as palavras generosas da banca examinadora, pois ao compartilhar essas páginas com as professoras Heloísa Lindau, Camila Xavier e Roselane Costella vejo enriquecido mais ainda este trabalho e minha trajetória. Obrigada por seus olhares precisos e sensíveis de geógrafas.



Cidade porque me persegues? - Fonte: Lara Bitencourt, 2019.

RESUMO

Este trabalho foi desenvolvido a luz das construções teórico-metodológicas da nova Geografia Cultural, de modo que o foco desta pesquisa está voltado a relação dos sujeitos e suas trajetórias de vida profissional. O objeto desta análise é evidenciar o fenômeno de tornar-se geógrafa na cidade de Porto Alegre. Buscando através de narrativas femininas reconhecer formas de produção do conhecimento geográfico, dos quais tem sido predominante a enunciação de práticas e olhares masculinos. Para isso, geógrafas foram convidadas a apresentarem reflexões acerca de suas trajetórias profissionais e os vínculos afetivos construídas com a cidade por meio da categoria de Lugar. Durante o segundo semestre de 2018 entrevistas individuais foram realizadas fornecendo, dessa forma, subsídios para a elaboração de narrativas individuais e cartografias de trajetórias inter-relacionadas no Espaço-Tempo da cidade e do fazer geográfico. As narrativas e as cartografias representam fragmentos de cidade destacado nos percursos vivenciados por essas mulheres, permitindo a elaboração de uma cartografia da espacialização dos caminhos de tornar-se geógrafa em Porto Alegre.

Palavras-chave: narrativas; cartografias de trajetórias; lugar.

ABSTRACT

This work was developed in light of the theoretical-methodological constructions of the new cultural geography, so that the focus of this research is on the relationship of the subjects and their professional life trajectories. The object of this analysis is to highlight the phenomenon of becoming a geographer in the city of Porto Alegre. Seeking through female narratives to recognize the form of production of geographic knowledge, which has been predominantly enunciated through practical male looks. Geographers were invited to present reflections on their professional trajectories and the affective bonds built with the city through the category of Place. During the second semester of 2018, individual interviews were conducted that provided support for the development of individual narratives and cartographies of interrelated trajectories in the city's Space-Time and geographic making. The narratives and the cartographies represent fragments of the city highlighted in the paths experienced by these women, allowing the elaboration of a cartography of the spatialization of the paths of becoming a geographer in Porto Alegre.

Keywords: Narratives; trajectory cartography; Place.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Mosaico das imagens de Porto Alegre segundo as geógrafas entrevistadas.	33
Figura 2 - Mapa de Porto Alegre utilizado na condução das entrevistas.	35
Figura 3 - Diagrama conceitual da análise do fenômeno de tornar-se geógrafa.	36
Figura 4 - Figura índice das narrativas de Tornar-se Geógrafa em Porto Alegre.	43

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Quadro estatístico das diferenças de trabalho, renda, formação e representação política entre mulheres e homens no Brasil.	21
Gráfico 2 - Formadas/os no curso de Geografia da UFRGS entre 2013 e 2018/1 divisão por sexo e habilitação.	23

LISTA DE SIGLAS E ABREVIações

AGB - Associação dos Geógrafos Brasileiros
CAp - Colégio de Aplicação
CREA - Conselho Regional de Engenheiros e Agronomia
COMGRAD - Comissão de Graduação
CONEEG - Confederação Nacional de Entidades e Estudantes de Geografia
E. E - Escola Estadual
EMEF - Escola Municipal de Ensino Fundamental
EJA - Educação de Jovens e Adultos
FHC - Fernando Henrique Cardoso
FUNDEB - Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Escola Básica
FURG - Universidade Federal do Rio Grande
GETE - Grupo de Estudos Territoriais
IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LABES - Laboratório do Espaço Social
MEC - Ministério da Educação
MCMV - Minha Casa Minha Vida
NEGA - Núcleo de Estudos Geografia e Ambiente
PET - Programa de Educação Tutorial
PSTU - Partido Socialista dos Trabalhadores Unificados
PROPUR - Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano
PUCRS - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
SEMA - Secretaria do Meio Ambiente e Infraestrutura
SESI - Serviço Social da Indústria
UERGS - Universidade Estadual do Rio Grande do Sul
UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina
WRI - World Resources Institute
ZN - Zona Norte

SUMÁRIO

1. BUSCANDO TORNAR-SE	14
1.1 A busca por tornar-se é uma questão narrativa	24
2. O ESPAÇO NÃO É UMA SUPERFÍCIE	29
2.1 Caminhos e desvios metodológicos	32
3. TORNAR-SE EM ESTÓRIAS E TRAJETÓRIAS	41
Zona Norte	46
<i>100% Zona Norte</i>	46
<i>Cemitérios industriais</i>	51
Eixo leste-oeste	56
<i>Lugar de uma vida inteira</i>	56
<i>Inventário de mim mesma</i>	59
Zona Sul	66
<i>Para mim, a cidade é um território</i>	66
<i>Tive que viver fora para entender que aqui é o meu Lugar</i>	69
Quem vem de fora, faz aqui o seu Lugar	72
<i>São muitas as possibilidades para o ativismo</i>	72
<i>Porto Alegre é a continuidade de mim mesma</i>	75
4. CAMINHOS DO TORNAR-SE GEÓGRAFA EM PORTO ALEGRE/RS	79
4.1 Janelas para pensar o tornar-se	82
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	88

Quer dizer, o que é uma mulher? Juro que não sei. E duvido que vocês saibam. Duvido que alguém possa saber, enquanto ela não se expressar em todas as artes e profissões abertas às capacidades humanas.

Virginia Woolf (2012 [1931]: 14).

Para mim isso gerou um conflito interno. Por um lado, eu absolutamente rejeitava as reivindicações por exclusividade local e os termos pelos quais elas estavam sendo feitas. Por outro lado, eu absolutamente não queria deixar de lado a capacidade de apreciar a diferença local (uma das razões pelas quais eu me tornei, e permaneço, geógrafa).

Doreen Massey (2004 [1998]: 20).

Cara leitora,

Utilizo as páginas a seguir para lhe colocar a par do *‘você não sabe o quanto caminhei, pra chegar até aqui’* cochilando de vez em quando, mas sem perder o foco ao percorrer os caminhos de tornar-se e fazer-se geógrafa. Este trabalho tem o objetivo reflexivo de pensar, e com sorte lhe fazer pensar também, sobre o grande devir do tornar-se. Tornar-se é processo lento e normalmente se dá sobre alguma coisa, algo ou alguém. Neste trabalho vamos falar sobre o processo de tornar-se geógrafa em um Lugar.

Nosso ponto de partida e também de chegada é a cidade de Porto Alegre, capital mais ao sul do Brasil, que possui um imaginário midiático de pequena Europa, ainda que tenha mais terreiros que Salvador na Bahia e mais quilombos urbanos que São Luís do Maranhão. Porém, é Porto Alegre, diferente de qualquer outro Lugar que dá significado as buscas deste trabalho e seu objetivo de compreender os processos de se tornar geógrafa na cidade. Entendendo que este acontecimento não se dá de uma só forma e nem em um só tempo, tornar-se é um processo múltiplo tal qual é o Espaço. Logo, para ler o Espaço - objeto da Geografia - proponho o exercício de desvendá-lo através da narrativa de geógrafas - sujeitas-objeto deste estudo - e de suas concepções do espaço a partir da categoria de Lugar formado pelos afetos e desafios de se tornar geógrafa em Porto Alegre.

Minhas inquietações são simples, mas carecem de atenção redobrada, pois são exercícios de auto percepção, narração e da relação *de* e *com* as geógrafas e o entorno. Inicialmente me questiono se basta que nós, mulheres ocupemos lugares nos cursos de Geografia para que seja pensado o papel e a presença feminina na produção de conhecimentos geográficos? Tem alguma diferença entre as Geografias das geógrafas e a Geografia dos geógrafos? Entre bacharéis e professoras a distância é a mesma ou se comprime? Como comprovar essa questão, na prática?

Mesmo que possam parecer ingênuas, essas questões provocam mal-estares, porque todo esse processo de se tornar e de pensar a questão feminina no fazer científico e na sua relação de ser com a cidade é irritante. Nos coloca reflexões não

evidenciada anteriormente, e uma delas é a narrativa de si e a maneira com a qual *Eu* percebo e conto a minha estória de vida. De que forma *Eu* retrato minha trajetória? Tenho orgulho dela ou ela provoca inseguranças que me impedem de compartilhá-la?

Simone de Beauvoir, na abertura de seu livro *O Segundo Sexo* (1970) nos coloca como é irritante falar da questão feminina, inclusive e principalmente entre nós mulheres, porque isso requer remexer nas feridas do ser. E ser mulher não é algo dado *per si*, como bem diz a autora, mulher a gente não nasce, se torna.

Irritante também é a questão do ser geógrafa, já que a própria Geografia é uma ciência em crise existencial desde seu princípio. Que Geografias são essas que são praticadas pelas Geógrafas em Porto Alegre? Como nós pensamos, e será que pensamos a ciência de nosso fazer?

Para o filósofo francês Edgar Morrin, a ciência não tem consciência de si mesmo, porque os cientistas não pensam a si mesmos em suas práticas. Para ele:

E é aqui que se encontra a dupla tarefa cega: a ciência natural não tem nenhum meio para conceber-se como realidade social; a ciência antropológica não tem nenhum meio de conceber-se no enraizamento biofísico; a ciência não tem os meios para conceber seu papel social e sua natureza própria na sociedade. Mais profundamente: a ciência não controla sua própria estrutura de pensamento. O conhecimento científico é um conhecimento que não se conhece. Essa ciência, que desenvolveu metodologias tão surpreendentes e hábeis para apreender todos os objetos a ela externos, não dispõe de um método para se conhecer e pensar. (MORRIN, 1998: 20).

Assim, me lanço na tarefa cega de entender como é o processo científico-afetivo de se tornar geógrafa, de certo modo para também entender o meu processo de tornar-se, e para isso resolvi perguntar as colegas geógrafas como é que elas se tornam mulheres e se colocam na vida científica e profissional? Tu, que me lê, como é que tu te tornas mulher? E como tu disputas o campo profissional pela Geografia? É a partir do que é esperado de você como mulher? Através dos desafios travados e superados no desenrolar da sua vida profissional? Ou por meio da narrativa que você criou para a sua trajetória? Maneiras possíveis de como isso são entendidas através das geógrafas e da Geografia em Porto Alegre, é o que apresento nas próximas páginas.

1. BUSCANDO TORNAR-SE



'A geógrafa', autoria própria (2018). Colagem sobre a obra "O geógrafo" - Johannes Vermeer (1668-1669).

O geógrafo Aziz Nacib Ab'Saber responde o que é ser geógrafo, título de seu livro homônimo (2007) através das narrativas de sua trajetória de vida pessoal e profissional que o fizeram geógrafo de referência para a Geografia brasileira. Milton Santos em seu *O trabalho do geógrafo no terceiro mundo* (2009), com primeira edição de 1971, publicado originalmente em francês, reflete sobre o trabalho do geógrafo e a importância deste trabalho ser situado no Lugar e no Território ocupado pelo profissional. As reflexões sobre a prática geográfica de Milton Santos foram feitas no período em que ele se encontrou exilado na França, portanto, afastado de seu Lugar. Ab'Saber e Milton Santos, dois grandes nomes da Geografia brasileira refletiram sobre a condição do ser e do fazer geográfico, que vai além da formação estritamente

profissional, e se dá principalmente no campo da existência em um processo contínuo de se tornar, e que invariavelmente está associada aos espaços ocupados por essa existência.

Inspirada pelos mestres, minha modesta pretensão é a de narrar o ser e o fazer que nos **torna geógrafas**, a partir das narrativas de trajetórias de mulheres que como eu, tem a Geografia por profissão e a cidade de Porto Alegre e seus inúmeros cenários como Lugar de atuação. Tornar-se é um processo constante de formação e incompletude. Afirmar *tornar-se* e *ser* algo é uma necessidade de reconhecimento e também de afirmação, de resistir e não aceitar o que está dado como instância e marca.

Há alguns anos descobri que invariavelmente o pesquisador, pesquisa sempre a si mesmo, em níveis mais ou menos abstratos, o pesquisador parte de um ponto de vista que lhe é próprio para explicar um fenômeno que inquieta inicialmente somente a ele. Minha inquietação para esta pesquisa veio de uma pergunta muito pertinente, mas igualmente irritante feita por uma colega acerca da monografia que defendi para obter o título de bacharel em Geografia. Com o título 'O retrato do geógrafo quando jovem: cidade imaginária?' (Bitencourt, 2014), apresentei uma narrativa de formação inspirada no clássico O retrato do artista quando jovem do escritor irlandês James Joyce (2012 [1914]). Falei sobre minha trajetória de formação e do desenvolvimento da complexidade de minhas ideias a partir da Geografia, que assim como no romance, inicialmente são perenes e desengonçadas, mas que ao longo de minha formação ganha mais clareza e a necessidade curiosa de inventar soluções metodológicas aos problemas que me inquietam.

Contudo, nem com a mais criativa das metodologias tinha me dado por conta da irritante e óbvia observação: porque *não se chama o retrato dA geógrafA*? A questão de gênero, naquele momento ainda não me inquietava. Porque ainda estava invisível aos meus olhos, e mais invisível está ao mundo acadêmico de modo geral. Contudo, passei a me perceber no mundo e a singularidade de minha condição enquanto pesquisadora mulher, na busca por autonomia, me deparo com as palavras do

professor Paulo Freire que qualificam este movimento de pensar a mim mesma, e por consequência, pensar também com e a partir dos meus pares, ou seja, por meio de outras mulheres geógrafas, pois *o fato de me perceber no mundo, com o mundo e com os outros me põe numa posição em face do mundo que não é de quem nada tem a ver com ele. Afinal, minha presença no mundo não é a de quem a ele se adapta, mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas objeto, mas sujeito também da história.* (FREIRE, 2016:53).

Na Geografia brasileira ainda são poucas as discussões voltadas à temática do gênero e suas múltiplas interseccionalidades. O Grupo de Estudos Territoriais, o GETE coordenado pela professora Joseli Maria da Silva na Universidade Federal de Ponta Grossa, é uma das maiores referências nos estudos de Geografia e gênero do país e existe desde 2003, ou seja, ainda nem alcançou a maioria. Mesmo assim, estudos que reflitam a questão do fazer geográfico de mulheres e suas relações espaciais são um tema ainda menos explorado pela academia de modo geral, ainda mais que os próprios geógrafos não têm o costume de pensar a si mesmos e tampouco despertam a partir da Geografia o interesse dos filósofos em pensá-la, pois como destaca Yves Lacoste (2006) no amargo, porém cirúrgico capítulo *As estranhas carências epistemológicas da Geografia Universitária*:

Ora, apesar dos exemplos quase esquecidos (o de Kant, que foi aliás professor de geografia durante um certo tempo), os filósofos dão prova de uma indiferença quase total em relação à geografia. [...] Sem dúvida, na medida em que os filósofos se interessam pelas ciências para ali encontrar um objeto, um pretexto para filosofar, ou um trampolim para a verdade, é evidente que a geografia não apresenta qualquer interesse a seus olhos. Interessam-se no Tempo, mas bem pouco no Espaço, embora essas duas categorias estejam estritamente ligadas. (LACOSTE, 2006: 98-99).

Sobre o estudo do Espaço, objeto da Geografia e a relação dos geógrafos com ele, Milton Santos faz um importante destaque:

Diante de um sociólogo, de um economista, de um cientista político, de um químico, etc., podemos dizer que a Geografia estuda o espaço, mas a nós mesmos é insuficiente dizer isto. Porque dizer isso, entre geógrafos, significa, de alguma maneira, erigir uma tautologia em regra de trabalho, o que leva a nada. Isto é, tal esforço, puramente tautológico, deve ser substituído por um esforço analítico. Isto é, temos de encontrar os elementos suscetíveis de permitir que, diante do que estou chamando de espaço, possamos entendê-lo e,

eventualmente, construir o discurso político da sua intervenção. (SANTOS, 1996: 9).

Se os geógrafos pouco pensam a si mesmo, e se suas análises sobre o Espaço são tautológicas, creio que cabe a nós geografafas refletirmos e analisar nossas produções sobre o espaço, em sua multiplicidade de formas e tempos. Refletindo também sobre o porquê o ser geógrafa é uma questão invisibilizada?

Aproveitando o ensejo, me dispus a refletir também sobre outra questão provocada por Lacoste em seu *A Geografia Isso Serve em primeiro lugar para fazer a Guerra* (2006 [1977]), onde ele traz o alerta e a necessidade de que a Geografia dos professores seja também uma Geografia de olhar engajado e crítico sobre o espaço, logo também um olhar político, de modo que o saber estratégico da Geografia esteja difundido através do ensino e não fique restrito apenas às Geografias de estado. Mesmo com as mudanças geradas pela renovação da Geografia brasileira e os novos rumos epistemológicos associados às análises marxistas da relação espaço e sociedade, o conflito entre bacharéis e licenciados atualmente ainda não está solucionado, e isso também se reflete nas questões de gênero. Quem são as geógrafas? São aquelas que fizeram bacharelado e as demais são apenas professoras? Nada pode ser mais vulgar do que julgar que se é apenas professora, e como insistentemente nos provoca Lacoste - a Geografia não é necessariamente como uma ciência, mas sim um saber estratégico de e sobre o Poder que se faz inseparável de uma leitura prática e crítica do espaço, que por sua vez passa por uma formação escolar para uma Geografia que exija dos alunos menos o ato de decorar informações e mais a ação de entender e articular as disputas espaciais dadas através do viés do gênero, da raça e da classe social.

Pensando 'nos porquês', me ponho a pensar nos múltiplos sujeitos que compõem essa pesquisa, que está presente em um mesmo sujeito por meio de sua versão acadêmica e de sua versão pessoal de si, de modo que não é possível responder sozinha a questão do *porque não geógrafa?* Através de uma relação mecânica com um objeto de pesquisa, mas que é necessário promover uma relação existencial entre os sujeitos-objetos deste trabalho. Onde se destacar o *ser*, enquanto

questão ontológica que depende de um processo de tornar-se, pois não se dá apenas pela imanência do existir, mas sim a partir das relações de reconhecimento de si sobre si, e do outro sobre si.

Assim, na tentativa de resolver ou aprofundar essas inquietações, resolvi chamar um grupo de mulheres geógrafas, para medir o quanto a questão de gênero na profissão as preocupa e o quanto da dicotomia bacharelas-licenciadas é verdadeira em suas práticas profissionais. Ouvi de um colega em uma disciplina da pós-graduação voltada à discussão de Teoria e Método, que a minha pesquisa poderia dividir ao invés de agregar pontos de vista ao separar as geógrafas dos geógrafos. Entretanto, penso que ao contrário desta colocação, o que proponho aqui não é dividir, mas sim somar um ponto de vista negligenciado pelo torvelinho do fazer científico, ilustradamente masculino e europeizado, evidenciando multiplicidades e diferenças do fazer geográfico, sem isso determinar que as diferenças são excludentes ou segregacionistas, mas promovendo um olhar tolerante e necessário as diferenças de ser e fazer em Geografia. Com isso, também não estou negando minhas primeiras referências geográficas, carentes de uma presença feminina, não porque não estivessem ali, mas, porque não estavam evidentes, dadas, óbvias, inquestionáveis tal quais as presenças masculinas.

A esta questão narrativa, que é também uma questão Espacial, pois evidencia os discursos e os Lugares ocupados pelas mulheres na ciência, cabe o destaque dado pela geógrafa britânica Doreen Massey, ao falar que:

Além disso, imaginar o espaço como a esfera da possibilidade da existência da multiplicidade está de acordo com a maior ênfase dada recentemente pelos discursos políticos de esquerda à "diferença" e à multiplicidade. Assim, naquilo que tem sido talvez a forma mais evidente de sua manifestação, há uma crescente insistência na ideia de que a estória (story) do mundo não pode ser contada (e nem sua geografia elaborada) apenas através dos olhos do "ocidente" (como por longo tempo foi o caso), nem do ponto de vista, por exemplo, da clássica figura (com frequência, ironicamente, ela própria essencializada) do macho branco heterossexual. Esta perspectiva insiste no reconhecimento de que estes entendimentos (através dos olhos do Ocidente ou do homem heterossexual) são eles mesmos específicos, pontos de vista locais muito particulares e não os universais como por longo tempo eles próprios propuseram. Trata-se de uma abordagem que tem sido elaborada e defendida, sobretudo, pelas feministas e por aqueles que trabalham dentro da fundamentação dos estudos pós-coloniais. (MASSEY, 2004: 10).

A busca por compreensões de questões profissionais que perpassam também questões da existência através de olhares femininos é uma busca por descolonizar o olhar sobre o fazer geográfico. Para os geógrafos Joseli Maria Silva e Marcio José Ornat:

A colonialidade se reproduz em uma tripla dimensão: a do poder, a do saber e do ser. Além disso, conforme Mignolo (2003b), a colonialidade é o lado obscuro, necessário e indissociável da modernidade. A alternativa decolonial (a descolonização do saber, da teoria, da política e da economia) começa no momento em que as pessoas que habitam línguas e subjetividades, realizadas ou até mesmo negadas em sua humanidade, tomam consciência dos efeitos da colonialidade do ser e do saber (MIGNOLO, 2000; 2009). Nesse sentido, se a colonização do saber e do ser operou de forma brutal de cima para baixo, o processo decolonial do ser e do saber depende do movimento de baixo para cima. (SILVA e ORNAT, 2016:53).

O exercício de enxergar a mim mesma, para então me enxergar nas outras é um exercício de autonomia e afirmação de presenças femininas na ciência geográfica que são autoconscientes e críticas de seu fazer, sem, contudo, deixar de reconhecer as contradições próprias do olhar. Pois, tal qual nos fala o geógrafo brasileiro Paulo César da Costa Gomes *O olhar pode ser amplo e geral, mas a visibilidade é sempre dirigida e parcial. Assim, a crítica tão comum a tudo aquilo que determinados observadores deixam de ver em um fenômeno é completamente tautológica. A visibilidade é irremediavelmente não totalizadora.* (GOMES, 2013: 32).

Sobre a presença das mulheres na academia e nos meio científicos de modo geral, a ensaísta Heloísa Buarque de Hollanda considera a necessidade de articular uma desnaturalização do ambiente universitário, notadamente masculino, reforçando a necessidade de se repensar tarefas e lugares na academia, e conseqüentemente, refletindo e representando a produção de conhecimento a partir de outros pontos de vista. Deste modo a autora destaca que:

A reflexão sobre mulheres na academia se constituiu como uma alavanca para desnaturalizar o ambiente universitário e a complexidade de suas articulações. A perspectiva de gênero é um lugar de estranhamento, de necessidade de se 'estranhar o familiar', no sentido de desnaturalizar, desessencializar o comumente sabido e compartilhado sobre um fenômeno, algo que acompanha antropólogos nas suas atividades de pesquisa em sociedades complexas, trazendo um 'por quê?' A tarefas, lugares, pressupostos, discursos. (HOLLANDA, 2018: 220).

Para Doreen Massey, a questão da naturalização da produção de conhecimento enquanto uma forma de fazer masculinizantes reforça uma disputa desigual de poder, que não está apenas associada ao gênero, mas também a classe, visto invisibiliza trajetórias e alimenta um imaginário sobre o fazer científico descorporificado, logo, carente de consciência, autocrítica e conseqüentemente tautológico:

Há uma outra maneira de ler esses lugares construídos. Entrelaçada e envolvida dentro deles há uma multiplicidade de trajetórias, cada uma das quais com sua própria espacialidade e temporalidade, cada uma das quais foi e ainda é contestada, cada uma das quais poderia ter-se tornado muito diferente (e mais, onde a interseção dessas histórias serviu, muitas vezes, para reforçar os limites de dinâmicas existentes). A forma particular de proliferação da divisão do trabalho dentro da indústria que resultou naquela (tão conhecida que se torna natural) separação entre 'concepção' e 'execução' foi impulsionada por forças tanto de classe quanto de uma união particular de conhecimento. Conhecimento como que removível dos locais de produção, por exemplo. Conhecimento como separável, em vez de tácito, distanciado, em vez de embutido e corporificado. (MASSEY, 2008:207).

Em um olhar objetivo sobre a questão profissional feminina, segundo levantamento realizado em 2018 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) intitulado *Estatística de Gênero - Indicadores sociais das mulheres no Brasil* é possível ter a dimensão da presença feminina em relação à presença masculina na disputa do mercado profissional e o acesso às instâncias do poder representativo e a ocupação de cargos gerenciais (Graf.1). Mesmo que as mulheres possuam maior escolaridade, a diferença salarial entre os gêneros é de 30,7% enquanto o tempo dedicado pelas mulheres aos afazeres domésticos e cuidados com outras pessoas quase dobram em relação ao tempo dedicado pelos homens nesses mesmos afazeres. A discrepância é ainda maior quando se trata da vida pública e representação política, de modo que 90% desses cargos é ocupado pelos homens e pouco mais de 10% desses mesmos cargos são ocupados pelas mulheres. Quanto aos cargos de gerência a diferença é um pouco menor, ainda sim, contudo, menos de 40% dos cargos são ocupados por mulheres.

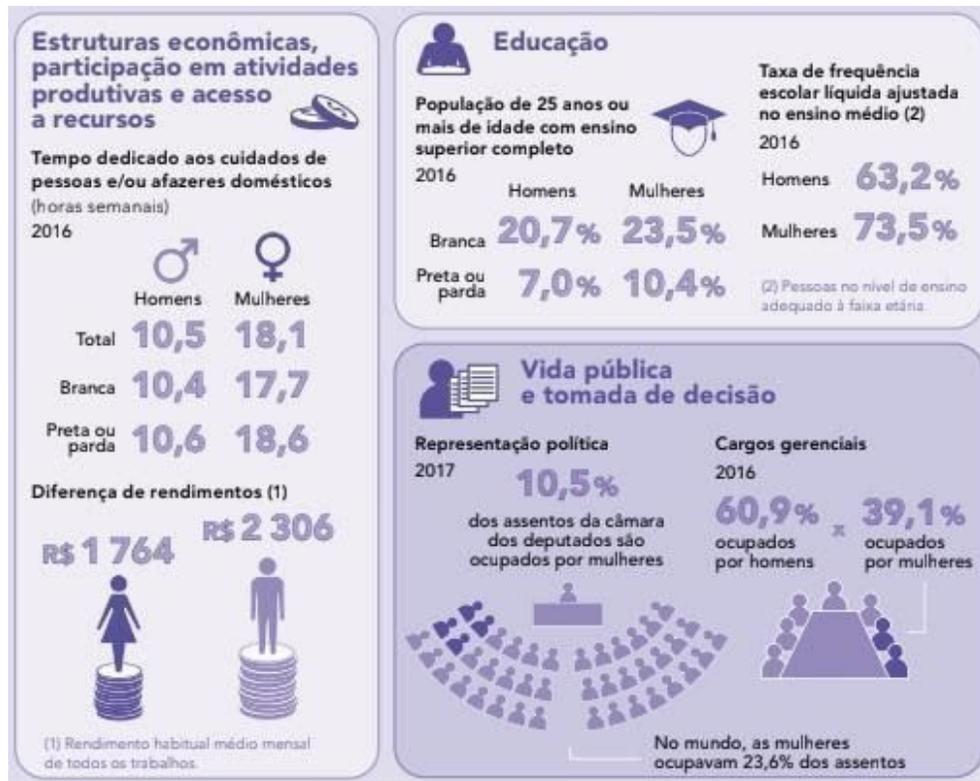


Gráfico 1 - Quadro estatístico das diferenças de trabalho, renda, formação e representação política entre mulheres e homens no Brasil.

(Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisa, Coordenação de População e Indicadores Sociais, 2018).

A dicotomia entre corpo e mente faz parte das representações científicas e profissionais que separam mulheres e homens nas disputas do campo profissional.

Para Joseli Maria da Silva:

A separação teórica entre mente e corpo é historicamente sexualizada. O feminino foi o polo corporal do dualismo, representado pela natureza, emocionalidade, irracionalidade e sensualidade, contrastando com o polo mente, metaforicamente representado pelo masculino, que evoca o intelecto, racionalidade e autocontrole das emoções. Na relação dual e oposicional entre corpo (polo feminino) e mente (polo masculino), o corpo precisa ser comandado pela razão. As reflexões em torno do desmantelamento da dicotomia corpo-mente, além de possibilitar estudos sobre a representação cultural dos corpos em diferentes contextos, também permitiu a emergência das ideias de instabilidade e fluidez das identidades corporais, ultrapassando a ideia de corpo, entendido tradicionalmente como algo fixo, para a ideia de corporeidade, a fim de traduzir a perspectiva de mutabilidade do movimento. Uma relevante contribuição metodológica da superação da dicotomia mente-corpo foi à concepção de que o cientista, ser humano produtor de conhecimento é corporificado e, assim, aquilo que é produzido como ciência se realiza de um determinado ponto de vista. (SILVA, 2013: 30-31).

No caso da Geografia enquanto um curso essencialmente masculino, no corpo docente e discente, assim como também nas referências bibliográficas, cabe pensar qual é a percepção das mulheres em meio a esta relação, visto que a Geografia acadêmica brasileira de final do século XIX e início do século XX só veio a ser ocupada pelas mulheres em meados de 1940¹. Com forte influência na Geografia francesa clássica deixava evidente a segregação intelectual entre as Geografias masculinas e femininas, pois, aos homens cabia a parte 'dura' da ciência, ou seja, a geomorfologia e a climatologia, visto que esperado deles compreensões físicas-matemáticas do espaço, enquanto as mulheres cabiam a Geografia humana e o ensino de Geografia, pois delas era esperado compreensões humanizadas e conseqüentemente subjetivas do espaço. Reforçando hierarquias do saber que atualmente são questionadas e tendem a não se limitar aos estigmas de gênero.

Aproximando esta questão do Lugar onde estou e ocupo, realizei um levantamento junto a Comissão de Graduação (COMGRAD) do curso de Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), pude elaborar o gráfico *Formadas/os no curso de Geografia da UFRGS entre 2013 e 2018/1 divisão por sexo e habilitação* (Gráfico 2), onde é possível acompanhar alguns dados acerca da formação profissional e a relação de gênero no curso de Geografia.

Durante o período ocorreu 216 graduações entre homens e mulheres. Destas 127 foram de homens, sendo que 52 formados em licenciatura e 75 formados em bacharelado. Nenhum homem se formou nas duas habilitações durante 2013 e 2018/1. No mesmo período, 85 mulheres se formaram e o número de graduações femininas foi 88, pois durante o período três delas se formaram nas duas habilitações de modo que foram 43 mulheres formadas em licenciatura e 45 formadas no bacharelado. A adesão feminina ao curso é menor que a masculina, entre 2013 e 2018/1 o curso teve o ingresso respectivamente de 169 mulheres e de 337 homens, contudo a graduação feminina é proporcionalmente maior que a masculina durante o período, assim como

¹Fonte:

<https://jornal.usp.br/artigos/geografia-feminina-papel-do-genero-na-geografia-brasileira/?fbclid=IwAR30nJfNI5SR5fO0ZNzT8uKfSdhfIPFbl42NXStX7emEK4UGOqR6yJ8ZOC4> acessado em 28 de janeiro de 2019.

também entre as mulheres se equiparam o número de licenciadas e bacharelas. O mesmo não ocorre entre os homens, visto que o número de licenciados - formação considerada feminina - é significativamente menor do que o número de bacharéis - formação considerada masculina.

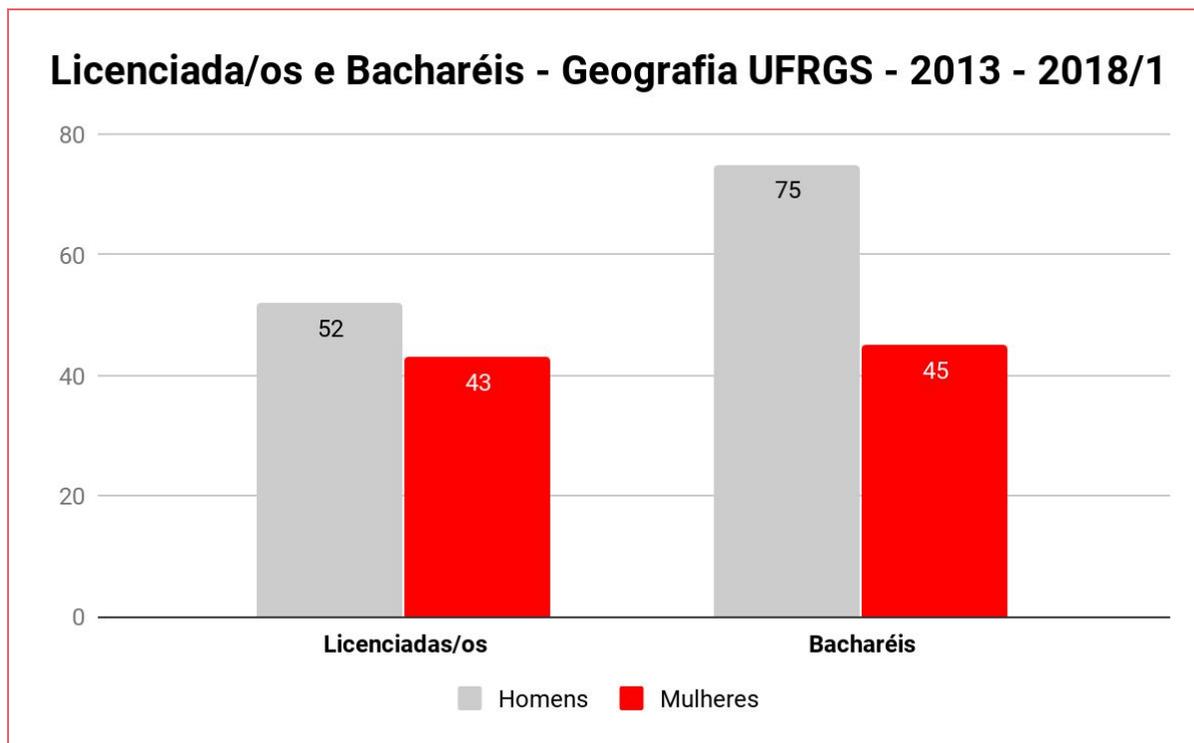


Gráfico 2 - Formadas/os no curso de Geografia da UFRGS entre 2013 e 2018/1 divisão por sexo e habilitação.
(Fonte: COMGRAD Geografia UFRGS, 2018).

Logo, é possível afirmar que, apesar da movimentação feminina nos espaços formativos, as narrativas do fazer geográfico ainda são predominantemente narrativas masculinas, afirmadas em leituras do Espaço e práticas igualmente masculinizadas. Em depoimento recolhido por Heloisa Buarque de Hollanda, a professora de filosofia da UFRJ Carla Rodrigues fala sobre a presença feminina no universo acadêmico e destaca que:

Nós não somos monocromáticas. Nem monotemáticas. Somos um pouco mais ruidosas. Mas eu olho para o meu departamento e vejo poucas mulheres, que estão lá há trinta anos, mas são mulheres que entraram num momento em que, para entrar no mundo masculino, era preciso fazer de conta que era homem. Ou seja, não era possível expressar todas essas características com um certo

tom mais rebelde, no sentido de estar aqui mas ao mesmo tempo problematizando o que significa estar aqui. (HOLLANDA, 2018: 228).

Essa falta de representação da presença e do diferencial da feminina na produção de conhecimento se reflete muito nas pesquisas e nas discussões epistemológicas e metodológicas e que na Geografia não é diferente. O mal-estar causado pela invisibilização de temas relacionados à questão de gênero e o papel da presença feminina na construção do saber evidencia a necessidade de provocarmos essas questões para que se construam autonomias sobre *o ser* e *o saber* disputando o Poder do pensamento acadêmico tão enraizado em formas colonizadoras.

1.1 A busca por tornar-se é uma questão narrativa

A partir do giro epistemológico da Nova Geografia Cultural, engendrado no começo do século XXI e que coloca a questão linguística como central para o desenvolvimento do fazer científico, se vê destacado a necessidade metodológica de pensar práticas que deem conta de assimilar e representar compreensões de espaço-tempo, sobretudo visibilizando e afirmando as presenças secularmente apagadas, como é o caso das presenças femininas no fazer científico e no espaço urbano. O gatilho, segundo o geógrafo alemão Jörn Seemenn (2013) é bem mais a interação dos pesquisadores com os sujeitos-objeto de pesquisa, do que propriamente com os objetos das filosofias humanistas. Assim, dá-se a escolha metodológica por entrevistar geógrafas, que são sujeitos produtores de um conhecimento específico, mas que possibilitam tomarmos suas trajetórias enquanto objeto deste trabalho na busca pela compreensão das possibilidades de se tornar geógrafa em Porto Alegre.

Através da relação sujeito-objeto presente nas narrativas e trajetórias das geógrafas entrevistadas, trago para este trabalho a polifonia de suas vozes para reforçar o discurso de se tornar. Entendendo o discurso como um objeto-sujeito falante, conforme destaca a linguista Marília Amorim em suas considerações sobre a polifonia nas narrativas científicas:

O objeto específico das Ciências Humanas é o discurso ou, num sentido mais amplo, a matéria significante. O objeto é um sujeito produtor de discurso e é com seu discurso que lida o pesquisador. Discurso sobre discursos, as Ciências Humanas têm, portanto, essa especificidade de ter um objeto não apenas falado, como em todas as outras disciplinas, mas também um objeto falante. (AMORIM, 2002: 20).

Para registrar os processos e as espacialidades de se tornar das geógrafas entrevistadas, apresento as trajetórias destas mulheres através de dois mecanismos comuns a Geografia que são a narrativa e a cartografia. Contudo, ainda que comum muitos são os vieses com os quais narrativa e cartografia são abordados em Geografia. Como reflexivamente destaca o geógrafo francês Paul Claval:

Os geógrafos têm a sensação de terem muitas coisas a dizer. Existe para eles a tentação de compartilhar, o mais rápido possível e com o maior número de pessoas, a massa de informações de que se dispõem. Para consegui-lo o que há de mais simples é organizar o que se sabe sob a forma de uma narrativa ordenada e de leitura atraente (CLAVAL, 2014:110).

A forma que resguarda maior seriedade na narrativa encontrada pelos geógrafos, como fala Claval é a forma do quadro geográfico, contudo esta forma apresenta suas contradições, pois ao tentar reunir de forma linear fenômenos naturais e humanos a narrativa envolvente se perde na necessidade de precisão das informações.

A narrativa faz parte da concepção geográfica desde seus primórdios, seja através das Geografias das grandes navegações, as Geografias de Estado, sendo também desenvolvida nas microgeografias dada pela nova Geografia Cultural. Enquanto forma de expressão humana a narrativa mescla duas competências que se misturam e se confundem na criação de imaginários. De modo que uma narrativa é em parte descrição do real percebido e em parte criação imaginada a partir do narrador. Para a linguista Maria da Conceição Passegi (2010), vivemos em uma sociedade biográfica onde registrar nossos caminhos são dominá-los pela presença, pois:

Ao longo da história da humanidade, os instrumentos tornaram-se cada vez mais sofisticados e as biografias, reservadas inicialmente a fatos memoráveis de personalidades históricas, democratizaram-se. A escrita de si tornou-se tão usual que podemos falar de uma **sociedade biográfica**. Desde a liberdade dos web sites, que atingem cifras inimagináveis de usuários - Second Life, Facebook, Orkut, Twitter, MySpace, Nègre pour un inconuu, Museu da Pessoa...- ao imperativo biográfico dos curriculum vitae, dos projetos de vida, dos memoriais. **Ao longo da vida de cada indivíduo, a escrita, a escrita de si pode se tornar um objeto de desejo efetivar-se, ou jamais fazer parte do eu**

querer e/ou poder. Portanto, se narrar é humano, o trabalho de biografização é uma ação civilizatória, que exige manuseio de tecnologias, marcadas pela cultura, que arrastam consigo relações de poder e implicam saberes, querer e deveres. (PASSEGI, 2010:104, *grifos meus*).

O filósofo francês Henri Lefebvre, sobre a Produção do Espaço (1974) nos fala de uma dialética do espaço que compreende o mundo vivido enquanto experimentação coletiva, o mundo percebido onde se soma também a experiência coletiva os julgamentos e percepções do indivíduo e o mundo concebido, que é justamente a capacidade do sujeito representar suas percepções individuais sobre o mundo compartilhado. A concepção do mundo vivido, não deixa de ser por sua vez, uma narrativa e como tal, está composto das ideologias e julgamentos do sujeito que o enuncia, atendendo os limites do lugar de onde se projeta esse enunciado, sejam eles limites de situação - do lugar enquanto cidade/campo e tempo presente/passado, ou os limites de condição - do lugar enquanto corpo feminino/masculino, negro/branco/mestiço, jovem/velho, etc.

Nas narrativas do mundo concebido, devemos considerar também para além das características de situação e condição dos narradores, o aspecto da memória enquanto elemento fundamental para a elaboração das narrativas. É a partir da memória e seus elementos de compreensão que se constrói as representações do mundo concebido, visto que é necessário respeitar o tempo de acomodação das ideias (TARDIF, 2002) para a assimilação e afirmação dos acontecimentos no decorrer do torvelinho do mundo vivido, e isso não é diferente quando as narrativas referem-se às afirmações de *ser*.

Para a geógrafa brasileira Nola Gamalho (2016) *as narrativas são espaços de criação através dos quais atores recriam suas trajetórias e elaboram seus pertencimentos* (GAMALHO, N. 2016, 43). Já para a geógrafa mexicana Alicia Lindón (2000) *el redescubrimiento de la inmaterialidad como parte del espacio ha contribuido al hallazgo (hecho por las teorías espaciales) del lenguaje [...], las narrativas y los relatos [...] como constructores de los lugares* (LINDÓN, A. 2000:18).

Para entender o fenômeno de tornar-se geógrafa em Porto Alegre, se faz necessário apoiar as narrativas das entrevistas em cartografias que possibilitam a leitura das espacialidades criadas por elas na cidade de Porto Alegre. Essas cartografias se desenvolvem através de suas concepções de estórias e trajetórias narrativas sobre o Lugar, em seus distintos processos de se tornarem geógrafas. Segundo a geógrafa brasileira Gisele Girardi:

A estabilidade do território e do lugar garantido pelo mapa, como ensina Massey (2008), serve como conjunto de referências usáveis em várias dimensões da vida prática e lúdica. Assim, sendo portador de referências usáveis, reconhecíveis pela experiência comum, os mapas são lidos como verdade, como natureza do território ou de um lugar. A localização e os atributos dos objetos, fatos e fenômenos, e o recorte da área, transforma-se nos fios que tecem um discurso territorial. Esse é o poder do mapa. (GIRARDI, 2009: 159).

As cartografias geradas a partir das narrativas são formas de se afirmar presenças e por sua vez, de ocupar Lugares no espaço concebido por múltiplos discursos e espacialidade. Quando me afirmo *A geógrafa*, na colagem sobre a obra do pintor holandês Johannes Vermeer, não estou apenas querendo fazer uma graça, mas também reclamando a presença das geógrafas nas narrativas de nosso fazer. Para afirmar a presença das geógrafas no fazer geográfico se faz indispensável conhecer as narrativas das geógrafas sobre suas experiências de tornarem-se profissionais.

Para entender a dimensão espacial de Lugar adotado no desenvolvimento desta pesquisa, parto inicialmente da leitura de Yi Fu Tuan (1980, 1983), geógrafo chinês cuja compreensão do Lugar se dá através da consciência do que nos afeta em um Lugar. Deste modo, ele chamou de Topofilia os sentimentos em relação a objetos e comportamentos que nos agradam em um Lugar e Topofobia os sentimentos em relação a objetos e comportamentos que nos desagradam ou provocam medo e repulsa em um Lugar. Já a geógrafa irlandesa Anne Buttmer (2015), define Lugar enquanto um espaço de significação individual-coletivo que dispõem de mecanismos para o acolhimento ou a expulsão de elementos que interferem nas construções coletivas já pactuadas. Por fim, trago o conceito de Lugar engendrado a partir de Doreen Massey (2000) que entende o Lugar na relação com o Global, de modo que o

Lugar é múltiplo, mas não sequencial, fruto de processos e incompletudes entre os sujeitos e os objetos, abarcando também o caos da existência dado através das trajetórias e estórias de vida.

Logo, não é suficiente apenas reconhecer as estórias e trajetórias dessas mulheres em suas relações com a cidade, é preciso também desvendar as inter-relações entre elas a fim de enxergar maneiras de representá-las no espaço, e é desse modo que se desenvolve a cartografia de trajetória, que assim como as narrativas de si, compõem o desenvolvimento metodológico da pesquisa sobre o tornar-se geógrafa em Porto Alegre. Massey (2008: 39), destaca em Lefebvre a produção dos discursos espaciais desenvolvidos através da compreensão de uma trialogia de compreensão do espaço, onde a concepção do mundo vivido se apresenta também enquanto uma narrativa enunciada a partir de estórias e trajetórias dos sujeitos sobre os fenômenos sociais, e como tal, compostas pelas ideologias e julgamentos desses sujeitos.

Buscar saber como geógrafas narram suas experiências de formação, portanto, seu processo de tornar-se geógrafas através do trabalho técnico docente e do trabalho técnico de bacharela permite identificar muito das representações de cidade engendradas por elas, assim como também é possível identificar as fragilidades e potencialidades da prática geográfica ao longo do tempo. Enxergando e analisando o espaço não a partir de tautologias como bem nos fala Milton Santos (1996) sobre a análise do espaço, mas, procurando alternativas no trabalho dessas geógrafas para a identificação de geografias autorais e conseqüentemente afirmativas da presença das mulheres no fazer geográfico e no espaço urbano.

2. O ESPAÇO NÃO É UMA SUPERFÍCIE

O espaço, então, é o produto das dificuldades e complexidades, dos entrelaçamentos e dos não entrelaçamentos de relações, desde o imaginativamente cósmico até o intimamente pequeno. O espaço, para repetir mais uma vez é o produto das inter-relações. [...] O espaço, em outras palavras, é inerentemente 'disruptivo' (MASSEY, 1997). Talvez de forma a mais surpreendente, dadas as conceitualizações hegemônicas, *o espaço não é uma superfície*. (MASSEY, 2004: 17).

A análise do fenômeno de tornar-se geógrafa se constitui através de inter-relações espaciais. A partir de Doreen Massey, podemos afirmar que o Espaço é uma relação complexa entre materialidades e subjetividades produzida e interpretada pelos sujeitos através de suas histórias e trajetórias. Onde,

“Trajetória” e “Estória” significam, simplesmente, enfatizar o processo de mudança em um fenômeno. Os termos são, assim, temporais em sua ênfase apesar de que, eu defenderia sua necessária espacialidade (seu posicionamento em relação a outras trajetórias ou histórias, por exemplo) é inseparável e intrínseca ao seu caráter. [...] “Trajetória” é um termo presente em debates sobre representação, que tiveram influências importantes e duradouras nos conceitos de espaço e tempo [...] “Estória” traz consigo conotações de alguma coisa relatada, ou de uma história interpretada. (MASSEY, 2008:33).

Espacializar o fenômeno de tornar-se geógrafa, é uma tarefa dialógica de criação a partir da interação com as histórias dos sujeitos que vivenciam esse fenômeno e suas trajetórias, objetos desta pesquisa. Logo, não basta que a representação do fenômeno de tornar-se geógrafa em Porto Alegre seja feito através de uma leitura do Espaço em suas relações de superfície meramente físicas, de movimento e permanência. Mas, é preciso aprofundar-se nas relações imateriais de temporalidades e experiências espaciais diferentes para então compor e representar a espacialidade do fenômeno de torna-se geógrafa em Porto Alegre.

Representar o Espaço e suas múltiplas espacialidades implica, quase que invariavelmente na elaboração de cartografias. Um dos produtos desta pesquisa foi o desenvolvimento da cartografia do tornar-se geógrafa em Porto Alegre. Para isso foram realizadas entrevistas qualitativas semi-estruturadas com 7 geógrafas entre 70 e 80

anos, que narraram seus processos de se tornar geógrafas através de suas percepções profissionais entrelaçadas as suas referências de vida pessoal.

Esta e as demais cartografias apresentadas no próximo capítulo com as narrativas resultantes das entrevistas, são os resultados de uma construção metodológica que investiu em representar as presenças do fazer geográfico feminino na cidade de Porto Alegre. Para isso, foi preciso que eu estabelecesse um contato entre as entrevistadas, descrito metodologicamente por Alicia Lindón como:

En primer lugar, interactúa con el investigador – el geógrafo cualitativo- que tiene frente a sí, y que le puede generar empatía y confianza para hablar de ciertas cuestiones y no de otras, o podrá generarle desconfianza y antipatía. Este sistema interaccional responde al aquí y el ahora: el lugar en el cual se está durante la entrevista, y el tiempo presente en el que ocurre ese encuentro. Esta dinámica es compleja ya que requiere un pacto de confianza para iniciarse, usualmente entre desconocidos. Para que ese encuentro pueda sostenerse una vez iniciado, es necesario que el entrevistador esté dispuesto a entregarle al narrador el poder, para que construya libremente su relato seleccionando ciertas experiencias espaciales de su memoria, de acuerdo a estrategias discursivas y rememorativas propias del narrador. Según como se establezca esa dinámica, la construcción de la narrativa se verá facilitada u obstaculizada. (LINDÓN, 2003: 17).

Assim, o que me permitiu captar as narrativas dessas mulheres foi o interesse e o respeito por suas trajetórias, mas sobretudo o exercício de enxergarmos a nós mesmas em meio ao fazer geográfico predominantemente masculino. Essa necessidade de afirmação e representação se dá enquanto prática de promoção de visibilidades, visto que as presenças femininas no fazer geográfico estão invisibilizadas nas narrativas masculinas, o que faz com que por vezes nós mesmas não nos percebamos, masculinizando nossas presenças. Deste modo, ao não percebemos que nossos pontos de vista para a compreensão do Espaço parte de lugares diferentes dos pontos de vista dos homens, ampliamos as compreensões sobre o Espaço destacando a presenças de narrativas múltiplas e plurais. Pois, ainda que ocupemos os mesmos Espaços, as narrativas que envolvem o fazer profissional de mulheres e homens são diferentes, vide os obstáculos e as credibilidades dispensadas para um e outro. Em depoimentos reunidos por Heloísa Buarque de Hollanda sobre a presença feminina na academia uma das entrevistadas faz uma análise sobre as relações entre os gêneros

na academia que engendra tacitamente uma hierarquia de representação entre homens e mulheres, assim ela desta que:

O que me incomoda muito hoje são as relações entre os gêneros na academia. Os homens constroem uma certa irmandade, constroem alianças e se potencializam. Não é algo orquestrado, tramado, articulado. Mas a academia é um universo muito masculino, com códigos muito específicos. Perpassa tudo, até um pós-doutorado o colega consegue finalizar mais facilmente porque as obrigações com a maternidade, por exemplo, são da esposa, da sogra, da babá. Tem sempre uma mulher cuidando, o que facilita o trabalho masculino. Para eles, a culpa é não fazer, para nós a culpa surge quando fazemos. As estratégias nesse universo são muito brancas, é assim que nós somos instados a ser na academia; então produz, produz, produz... Sozinho. No comportamento também é visível. Uma postura feminina mais contundente é mal vista, é desqualificada na academia. Já houve ocasiões em que numa conversa adotei uma postura mais dura, e disseram que eu estava 'descontrolada'. E eu nem estava exaltada, estava só falando sério! (HOLANDA, 2018: 2014).

O processo de criação metodológica deste trabalho reafirma a cada nova etapa da pesquisa a necessidade desta discussão, pois desde o início, a partir dos convites realizados a mais de 25 geógrafas os reflexos desta invisibilização e falta de confiança nas práticas femininas ficou evidente. Entre os convites enviados, recebi 12 retornos e realizei 10 entrevistas, dessas só obtive autorização para a publicação de sete. Entre os caminhos e desvios metodológicos deste trabalho observo que (1) muitas das geógrafas convidadas que recusaram o convite o fizeram por não se considerarem geógrafas, esta resposta se repete principalmente entre as licenciadas; (2) a segunda causa das recusas foi o fato de muitas delas não considerarem suas trajetórias profissionais interessantes e/ou significativas; (3) são pouquíssimas as geógrafas negras e menos ainda as geógrafas indígenas com as quais pude ter contato ao longo de minha caminhada formativa e profissional, apesar dos convites, nenhuma delas participou desta pesquisa; (4) quanto mais novas são as geógrafas, menos elas percebem a credibilidade de seu trabalho; (5), contudo, houveram entrevistadas que leram seus relatos, e não se sentiram à vontade em autorizar a publicação de suas narrativas por receio de serem identificadas. Percebi nesse processo que a relação gênero-raça-classe está intimamente ligada a sensação de segurança para a

representação de suas trajetórias entre as entrevistadas. Porque será que temos tanto medo e descrença em nossas práticas profissionais?

2.1 Caminhos e desvios metodológicos

O percurso de uma pesquisa se dá através de encontros e desencontro entre os sujeitos e os objetos, que em interação, promovem o desenvolvimento da análise de um fenômeno, e nesta pesquisa não foi diferente. A cada desencontro, deu-se um desvio metodológico que me permitiu analisar as dinâmicas do fenômeno de tornar-se sobre novas lentes. A escolha das entrevistadas se deu a partir de minhas referências de colegas e professoras, seguidas por indicações das próprias entrevistadas e de minha orientadora.

Os caminhos e descaminhos desta pesquisa foram traçados inicialmente através da realização de pesquisa qualitativa que contou com a aplicação de um questionário semiestruturado contendo perguntas que possibilitasse as entrevistas expressarem suas percepções sobre a profissão, a relação com a cidade e as questões de gênero. Das dez questões deste questionário, destaco às cinco questões a seguir como fundamentais para o desenvolvimento das narrativas elaboradas a partir das entrevistas. São elas:

- 1. Como você descreveria Porto Alegre e o que esta cidade representa para você?*
- 2. Quais suas Geografias de Porto Alegre?*
- 3. O que você pensa sobre a profissão de geógrafa, como é se-lá em Porto Alegre?*
- 4. Você sente que seu trabalho é valorizado? Como?*
- 5. Indique uma geógrafa de referência para você e justifique sua escolha.*

Além das questões, pedi que cada entrevistada me cede-se uma imagem de sua autoria ou de seu acervo pessoal. Esta imagem deveria representar a forma como cada

entrevistada enxerga Porto Alegre (Fig. 1). A partir das entrevistas foi possível levantar fragmentos de cidade, e a partir desses fragmentos se desenvolveu a leitura dos caminhos de se tornar geógrafa em Porto Alegre.

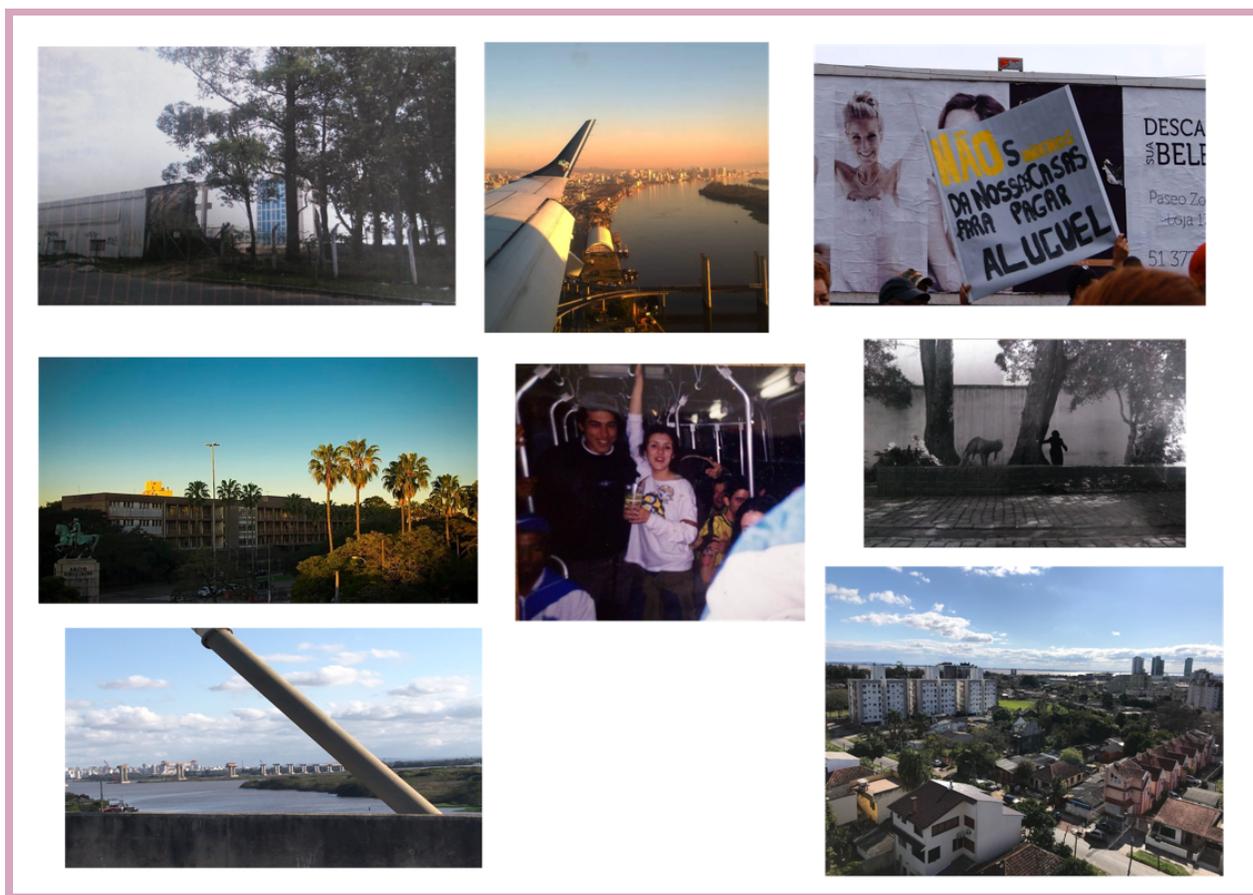


Figura 1 - Mosaico das imagens de Porto Alegre segundo as geógrafas entrevistadas.
(Fonte: Lara Bitencourt, 2020).

A partir do mosaico de imagens reunido através das entrevistas é possível inferir algumas características sobre a leitura de cidade das entrevistadas. Por exemplo, poucas foram as que se colocaram na paisagem da cidade e dividem se os olhares de sobrevoo e os olhares do ponto de vista da rua. Contudo, mostrando-se na imagem da cidade ou registrando o seu ponto de vista sobre ela, optei por não identificar nominalmente as entrevistadas.

Pois, ainda que a Geografia em Porto Alegre seja uma bolha pequena, e todos se conheçam optei pela não identificação das entrevistadas enquanto valorização e preservação das narrativas dessas sujeitas dentro desse processo de pesquisa. As narrativas das trajetórias de se tornar geógrafa passa pela perspectiva de sujeitas que estão à mercê dos juízos de valores e pré-conceitos presentes nas subjetividades e desafetos de qualquer futuro leitor que as conheça pessoalmente para além do universo desta pesquisa. Na tentativa de excluir quaisquer juízos de valores que não fazem parte das intencionalidades de minha pesquisa preferi não identificar as entrevistadas, para que permitamos compreender o fenômeno de tornar-se através da inter-relação de trajetórias que se conectam pela representação de se tornar geógrafa. E que se expressa através do mundo vivido ou no imaginário cartográfico proporcionado pela elaboração das cartografias de trajetória. A todas as geógrafas que participaram da elaboração desta pesquisa e autorizaram a publicação de suas narrativas de trajetória neste trabalho agradeço a coragem em fazê-lo, e destaco meu imenso respeito e admiração por suas trajetórias.

Para organizar o registro das trajetórias das entrevistadas utilizei o auxílio do mapa da cidade de Porto Alegre (Fig. 2), disponibilizado no site da secretaria municipal de urbanismo, a SMURB. A partir deste mapa, foi possível captar um pouco das espacialidades destas geógrafas, pois cada uma delas elaborou uma cartografia de esboço de suas trajetórias profissionais e estórias de Lugar na cidade de Porto Alegre, a partir das estórias provocadas por nossa conversa.

O exercício que chamei de cartografias de esboço consiste em elaborar um registro primário em uma imagem ou mapa das trajetórias vivenciadas pela interlocutora. Neste material são registrados pontos de referência espaciais e temporais que afirmam as relações do sujeito com o Espaço, de modo à lugarizar a imagem através da criação de legendas que narram à relevância dos pontos assinalados. Este exercício permite que as entrevistadas relembrem suas trajetórias e elenquem acontecimentos significativos em suas formações, que vão desde situações vivenciadas em meio à formação curricular passando por situações de cunho pessoal.

Deste exercício de registro narrativo foi possível elaborar as narrativas de cada entrevistada e suas cartografias de trajetória.

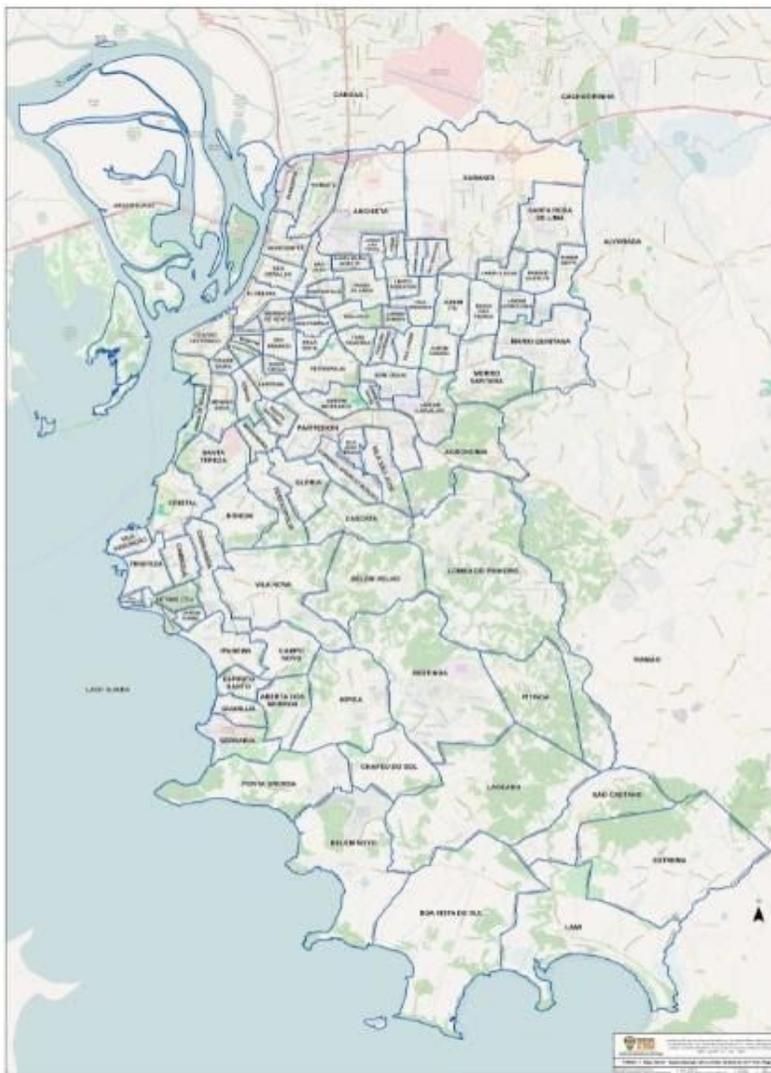


Figura 2 - Mapa de Porto Alegre utilizado na condução das entrevistas.
(Fonte: PMPA/SMURB, 2016).

O desenvolvimento de uma análise aprofundada sobre um fenômeno existencial tal qual o fenômeno de tornar-se geógrafa, exige a elaboração de uma compreensão teórico-metodológica que dê conta de tornar entendível o processo de captação e produção das narrativas e cartografias de trajetórias. Para melhor explicar este processo, elaborei o diagrama conceitual a seguir (Fig. 3), nele é possível acompanhar

as concepções e elaborações teórico-metodológicas que me permite apresentar esta análise sobre o fenômeno continuado de tornar-se geógrafa.

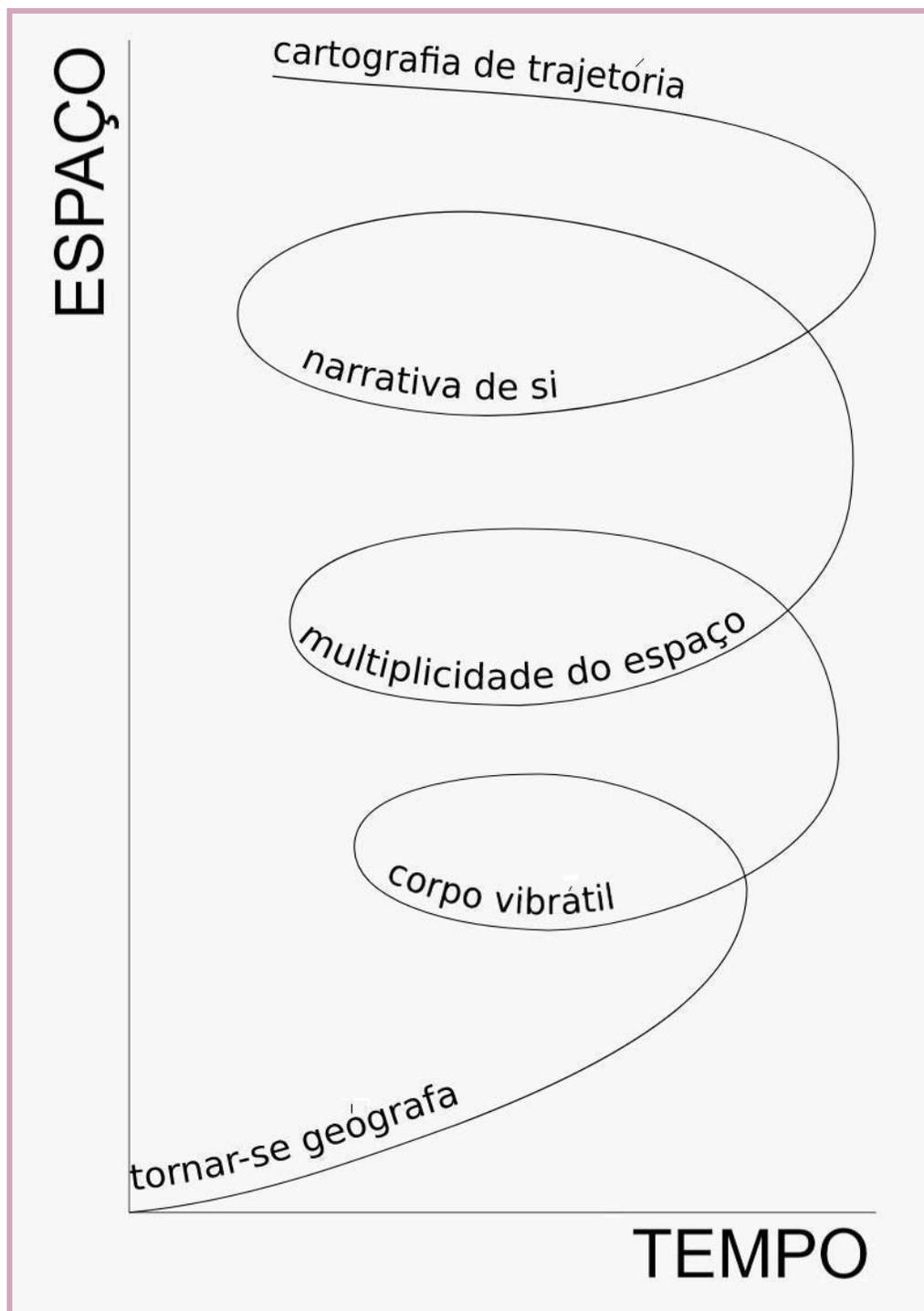


Figura 3 - Diagrama conceitual da análise do fenômeno de tornar-se geógrafa.
(Fonte: Lara Bitencourt e François Aoutin, 2020).

É possível observar os caminhos de **tornar-se geógrafa**, através da formação e atuação profissional das mulheres que escolheram a Geografia como campo de atuação, mas que também está intimamente relacionado às escolhas de cunho pessoal, realizadas por elas. Pois, se dá através de um processo continuado de aprendizados individuais que acontecem sempre em relação com os sujeitos e os Lugares. Estes processos de inter-relação entre sujeitos e Lugares se dão *no e a partir* do **ESPAÇO-TEMPO**, que é indissociável um do outro e igualmente múltiplo, pois é produzido relacionamente por todos os sujeitos e objetos no mundo vivido.

Desta forma, as representações dos fenômenos vivenciados no *continuum* do Espaço-Tempo, estão sujeitas a uma disputa de poder narrativo que reivindica superioridade de alguns sobre os outros. A percepção que provoca o desenvolvimento de representações sobre espacialidades e temporalidades vivenciadas é filtrada a partir de uma relação sensível mediada pelo corpo dos sujeitos e suas corporeidades, onde o movimento desempenhado a partir dos Lugares ocupados pelos sujeitos possibilita que estes percebam e representam diferentes formas de compreensão do Espaço-Tempo. Para representar o papel desempenhado pelo filtro mediado pelo corpo e sua corporeidade no desenvolvimento dessa pesquisa, me vali das concepções da filósofa brasileira Suely Rolnik e sua concepção acerca do **Corpo Vibrátil** e sua relação de movimento em relação aos outros corpos e objetos presentes no Espaço-Tempo. Assim, a autora nos fala que:

A constelação de tais afetos forma uma realidade sensível, corpórea, que embora invisível, não é menos real do que a realidade visível e seus mapas. É o mundo compondo-se e recompondo-se singularmente na subjetividade de cada um. Muda o mundo, muda a consistência sensível da subjetividade, indissociavelmente: entre eu e o outro, desencadeiam-se devires não paralelos de cada um, num processo sem fim. É a partir da escuta com o corpo vibrátil e suas manutenções, que o artista (**a geógrafa**), desassossegado pelo conflito entre a nova realidade sensível e as referências antigas de que dispõem para orientar-se na existência, sente-se compelido a criar uma cartografia para o mundo que se anuncia, a qual ganha corpo em sua obra e dele se autonomiza. (ROLNIK, 2000:1, adendo em destaque meu).

A esse desassossego cartográfico de cartografar a existência presente no fenômeno de tornar-se, soma-se o desafio de representar a **Multiplicidade do Espaço**

dado em estórias e trajetórias que se inter-relacionam em espacialidades semelhantes, mas te temporalidades diferentes. Como destaca Doreen Massey:

O espaço é a esfera da possibilidade da existência da multiplicidade; é a esfera na qual distintas trajetórias coexistem; é a esfera da possibilidade da existência de mais de uma voz. Sem espaço não há multiplicidade; sem multiplicidade não há espaço. Se o espaço é indiscutivelmente produto de inter-relações, então isso deve implicar na existência da pluralidade. Multiplicidade e espaço são co-constitutivos. (MASSEY, 2004: 8).

O desafio de representação do múltiplo e por consequência plural Espaço que neste trabalho se apresenta às geógrafas e a Geografia, é também um desafio pedagógico e contra-colonial tal qual nos provoca Yves Lacoste, pois para ele:

O desenvolvimento do processo de espacialidade diferencial acarretará, necessariamente, cedo ou tarde, a evolução do nível coletivo, de um *saber pensar o espaço*, isto é, a familiarização de cada um com um instrumento conceitual que permite articular, em função de diversas práticas, as múltiplas representações espaciais que é conveniente distinguir, quaisquer que sejam sua configuração e sua escala, de maneira a dispor de um instrumental de ação e de reflexão. Isso é o que deveria ser a razão de existir da geografia. (LACOSTE, 2006: 53).

Logo, se faz indispensável entender à forma como os sujeitos desta pesquisa organizam a **Narrativa de si**, que nada mais são do que elementos de representação discursivos que possibilitam entender os caminhos de tornar-se destas geógrafas. Estas narrativas tendem a ser sequenciais, ainda que no âmbito da existência, elas ocorram de outra forma. Sobre isso, Alicia Lindón nos fala que:

La organización secuencial de los acontecimientos vividos deriva de una necesidad del lenguaje. Lo vivido nunca tiene la linealidad que siempre exige la construcción del discurso. Entonces, el proceso de poner en palabras lo vivido y recordado, implica otorgarle secuencialidad a lo que no necesariamente la tuvo. Numerosas cuestiones que son contadas linealmente, suelen tener detrás una serie de vivencias que ocurrieron de manera simultánea. Pero el lenguaje no tiene la posibilidad de recrear todo lo simultáneo de esa forma. La comunicación tiene que contar primero algo y luego otra cuestión, porque el lenguaje es secuencial. (LINDÓN, 2013:19).

E segue:

Entonces, a partir de lo señalado precedentemente, en pocas palabras y con el riesgo del esquematismo, se puede decir que una narrativa de vida espacial es un relato organizado y secuencializado espacio-temporalmente de experiencias vividas por el sujeto en ciertos lugares. Es un relato en el cual el lugar – con toda su singularidad - se hace parte de la experiencia allí vivida, influye de alguna forma en la experiencia, le imprime una marca. [...] Por todos estos complejos procesos de la memoria, del habla y de la interacción cara a cara, es

que la experiencia espacial en sí misma es imposible de comunicar al otro. Lo que se puede comunicar es una versión interpretada de lo vivido. Esto se debe a que la experiencia al ser comunicada, hablada, puesta en palabras, es moldeada por las palabras. Siempre las palabras van a omitir aspectos que el lenguaje no logra recoger, y podrán exaltar otros. Entonces, la versión vivida no es idéntica a la contada, y no podrá serlo nunca. Pero al mismo tiempo, la única que es socialmente comunicable y construida es la versión que se pone en palabras, porque las palabras son un medio colectivo, el instrumento básico de construcción del vínculo social. (LINDÓN, 2013:20).

Assim, chegamos ao desenvolvimento das **Cartografias de Trajetórias** enquanto representação das narrativas elaboradas a partir das entrevistadas considerando as interpretações minhas e delas sobre as relações processadas através da não linearidade do Espaço em suas múltiplas espacialidades, e as afetações experimentadas pelas corporeidades vibráteis que se dão a partir de nossas experiências individuais. Diferente das cartografias de localização, as cartografias de trajetórias são a representação do fenômeno de tornar-se geógrafa a partir de Porto Alegre, através de Espaços-Tempos que se correlacionam por iniciativa das entrevistadas, ou estão involuntariamente inter-relacionadas através da Geografia e suas instituições.

Desta forma, a concepção destas cartografias se dá como uma construção de vínculos sociais representados pela linguagem através da narrativa, mas também pela representação espacial contida nas vivências destas mulheres e de suas relações com os Lugares e a cidade de Porto Alegre. Sobre a concepção de cartografias afetivas, que se desenvolvem a partir da interpretação das percepções dos sujeitos, Jörn Seemann faz dois destaques importantes:

Cabe dizer que o mapa (no seu sentido mais amplo possível) exerce a função de tornar visíveis pensamentos, atitudes, sentimentos tanto sobre a realidade (percebida) quanto sobre o mundo da imaginação. Esses mapas não são representações cartográficas sujeitas às regras cartografias de projeção, escala ou previsão, mas representações espacialidade oriundas da mente humana que precisam ser lidas como mapeamentos (=processos) e não como produtos estáticos. (SEEMANN, 2003: 203).

Esse tipo de produção cartográfica serve como exercícios de representações espaciais que refutam leituras tautológicas sobre o Espaço, e quando realizado entre geógrafas nos faz perceber e afirmar as presenças femininas enquanto produtoras de

conhecimento situado, concebido a partir de diferentes óticas. Pois, como também fala Seemann:

Não utilizo os mapas para medir distâncias e determinar coordenadas, mas para comunicar e expressar ideias, conceitos e valores que são resultado de discursos e visões de mundo. Há múltiplas camadas e múltiplas vozes. Mapas como parte da cultura visual de uma sociedade sempre são interpretações e traduções contestadas da realidade. [...] Em outras palavras, “mapas contam histórias, e as histórias que os mapas contam refletem e criam a realidade ao mesmo tempo. Nossa experiência de um lugar é criada e mudada mediante nossa interação com mapas” (EARLE; GIBSON; WALSH, 2005: 249). (SEEMANN, 2013: 71).

Para criar um ambiente de valorização e credibilidade da produção de conhecimento das geógrafas é preciso que nós mesmas tenhamos a coragem de dizer a nossa palavra e a partir dela representar nossos Lugares. De modo que o reconhecimento dessas práticas seja percebido e compartilhado não apenas através de méritos individuais, mas que nos permita também estabelecer teias de relações que auxiliem a Geografia a construir pontes entre si e para as demais ciências com as quais nos relacionamos, mas dificilmente chegamos a construir *práxis* teórico-metodológicas que auxiliem na renovação da produção de conhecimento.

É notório que a Geografia brasileira está conceitualmente defasada, não só na questão dos estudos de gênero, mas principalmente na leitura espacial fixada em uma dimensão sem movimento, através de uma leitura cartesiana de um espaço que é einsteiniano. E o que mais enfraquece a Geografia é sua fragmentação. Nós, geógrafas e geógrafos, precisamos entender e praticar que o que dá significado e fortalece o fazer geográfico é a sua episteme bipolar onde a natureza se lê na sociedade, e a sociedade se lê na natureza. Pois, a Geografia em sua *práxis* transita entre esses dois polos. Assim também, como professor de Geografia é um pesquisador em Geografia, e o pesquisador em Geografia precisa ser um professor para compartilhar suas hipóteses e descobertas. É a partir desse entendimento que é possível superar as crises da ciência geográfica, pois isso fortalece uma identidade profissional posicionada e segura de seu fazer, essa compreensão fortalece a Geografia tanto como ciência como também filosofia da Terra.

3. TORNAR-SE EM ESTÓRIAS E TRAJETÓRIAS

O termo aparentemente simples 'trajetória' sintetiza esta dupla constituição espaço-temporal: não é possível definir trajetória sem vincular de maneira indissociável espaço e tempo. Provavelmente não exista melhor expressão, assim, para romper com a dicotomia entre as categorias mestras, espaço e tempo. (HAESBAERT, 2017:6).

Chegamos então ao capítulo onde apresento os resultados dessa pesquisa. Nos caminhos e desvios deste trabalho, foi necessário desenvolver algumas adequações de última hora. Por isso, apresento sete narrativas autorizadas pelas entrevistadas e mais uma narrativa da minha trajetória de tornar-se geógrafa, organizando assim uma composição do fenômeno tornar-se geógrafa em Porto Alegre, apresentado em quatro cartografias. Uma composição, segundo Paulo César da Costa Gomes, permite que se analise geograficamente um fenômeno *sublinhamos que a palavra composição traz exatamente à tona essa ideia de um jogo de posições que cria e faz circular significados na forma como coisas, objetos e pessoas estão dispostos sobre um plano. Insistimos: a composição é sempre, portanto, um fenômeno passível de ser analisado sob um ponto de vista geográfico.* (GOMES, 2013: 47).

Para que a composição dos resultados dessa pesquisa proporcione as leitoras uma leitura geográfica afetiva e efetiva da cidade, dividi as narrativas em setores de pertencimento, organizados conforme o destaque de Lugar e pertencimento apontado por cada uma das entrevistadas. Assim, as estórias e trajetórias de se tornar geógrafa em Porto Alegre se dividem através das narrativas individuais e de cartografias compartilhadas por pares de geógrafas. Deste modo temos duas narrativas que falam do processo de se tornar geógrafa na cidade a partir da Zona Norte, mais duas a partir

do Eixo Leste-Oeste, outras duas a partir da Zona Sul e por fim as narrativas de Quem Vem de Fora Faz Aqui o Seu Lugar, que envolve as estórias e trajetórias de duas geógrafas de distintos municípios da região norte do Estado que estão radicadas em Porto Alegre há mais de dez anos e aqui constroem lugaridades e compreensões sobre a cidade e o processo de tornar-se geógrafa através de outra complexidade que é justamente a da questão migratória. Cabe destacar que das sete entrevistadas, três não são naturais de Porto Alegre, porém uma delas vive na cidade desde a infância e duas delas vieram para cá depois de adultas. Logo, não foi necessário criar uma categoria distinta para essa sujeita que vive Porto Alegre desde pequena e possui uma relação de permanência e pertencimento com a Zona Sul, ao passo que se fez necessário a criação de uma categoria que compreenda a relação das sujeitas que vem de outros municípios, mas que encontram em Porto Alegre um Lugar de acolhida para suas existências pessoais e profissionais.

Estas narrativas apresentam-se enquanto fragmentos de cidade vivenciados em Espaços e Tempos diferentes, mas que se conectam pelos Lugares de vivência, formação e atuação profissional. A partir dos mapas de esboços coletados durante as entrevistas foram possíveis construir com o auxílio da geógrafa e cartógrafa Laísa Zatti as cartografias que acompanham as narrativas de cidade. Deste modo, as narrativas apresentadas individualmente, são também formas de ler as cartografias elaboradas aos pares, cada narrativa individual está refletida nas cartografias das duplas e apresentam assim possibilidades para a leitura das espacialidades destas geógrafas.

Para auxiliar a leitura dessas cartografias, foi elaborada uma figura índice (Fig. 4) que indica as origens dos pontos de partida de cada entrevistada conforme suas narrativas. Para diferenciar as trajetórias, foi atribuída a cada narrativa uma cor conforme está indicado na legenda da figura índice. Esta mesma cor se repete nas cartografias e posteriormente na cartografia de síntese que reúne em um único mapa as trajetórias de todas as entrevistadas.



Figura 4 - Figura índice das narrativas de Tornar-se Geógrafa em Porto Alegre. (Fonte: Lara Bitencourt e François Aoutin, 2020).

Cada narrativa recebeu também um título, dado a partir de destaques nas falas das entrevistadas ou através da síntese de suas ideias, deste modo, foi possível também elaborar legendas que identificam as trajetórias-narrativas. Ainda sobre a apresentação das narrativas, cabe destacar alguns elementos para auxiliar a compreensão das mesmas. Cada narrativa começa com uma breve ficha de apresentação contendo: Lugar e o ano de nascimento da entrevista, dados de formação, escola do pensamento geográfico com o qual ela se identifica e indicação de geógrafa(s) de referência indicada pelas entrevistadas. Nesta ficha de apresentação também está registrado a data e o local onde foram realizadas as entrevistas. Completando a ficha estão as imagens trazidas por elas como uma representação da sua imagem de Porto Alegre. No transcorrer da narrativa há o destaque entre aspas de falas integralmente reproduzidas através da transcrição dos áudios das entrevistas. A exceção da minha narrativa, todas as entrevistas foram realizadas em 2018 e processadas desde então, deste modo, entendo que muito do que foi dito e até do que foi perguntado naquele momento hoje, pode ser dito e pensado de formas diferentes. Como destaca Alicia Lindón, sobre este processo de captação através de entrevistas qualitativas e a criação de narrativas:

A lo anterior se debe agregar otro aspecto muy importante que se hace parte de la diferencia entre lo vivido y lo relatado: la narrativa ocurre en un tiempo posterior a la vivencia (puede ser muy distante de la vivencia o no tanto). Esa posterioridad temporal le da al sujeto una distancia temporal para interpretar lo vivido de una manera que puede no ser la misma que primó cuando ocurrió la experiencia. A veces el paso del tiempo también lleva consigo el distanciamiento espacial. Si eso también ocurre, la reinterpretación de lo vivido tiene más razones de ser: Rememorar algo tiempo después y desde un lugar diferente, permite hacerlo desde otra mirada.

Por isso, antes da finalização deste trabalho, foi apresentado individualmente o produto final de cada uma das narrativas, com o objetivo de proporcionar as entrevistadas todas às revisões que elas julgassem necessárias, de modo a não haver a ocorrência de constrangimentos ou mal entendidos. Reforço que a intenção deste trabalho não é provocar mal estares no sentido de pessoalizar e hierarquizar ações, pelo contrário a ideia aqui é valorizar trajetórias individuais através de um viés coletivo que é o de tornar-se geógrafa, fortalecendo assim os discursos e as presenças

femininas na formação de nosso conhecimento, considerando dimensão ética, política e prática deste movimento científico em torno da Geografia.

A Geografia em Porto Alegre possui um campo pequeno de formação, contando com apenas dois cursos de graduação presenciais - na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e na Pontifícia Universidade Católica (PUCRS), contudo, nem todos os egressos dos cursos chegam um dia a exercer a profissão, seja através da licenciatura e do bacharelado. Dizer que neste campo ainda que pequeno, todo mundo se conhece, é discurso de professor universitário, mas que não é a realidade profissional da maioria das geógrafas e geógrafos da cidade. Afora os próprios colegas de turma e muitas vezes nem isso, pois pouco conhecemos as trajetórias profissionais de nossos colegas de profissão. Mesmo as trajetórias de grandes referências, elas são mais difundidas ao longo de seu período de atuação do que a *posteriori*. Logo, se faz necessário registrar e compartilhar formas de atuação em Geografia como uma iniciativa de afirmação e preservação da importância desta ciência e de seus cientistas.

O destaque trazido aqui para as trajetórias femininas são uma tentativa de preservar histórias e trajetórias para além de seus contemporâneos, mas promovendo também um compartilhamento entre gerações. Entre as entrevistadas há uma variante de 45 anos entre a mais nova e a mais velha, mesmo assim, isso não garante que todas elas se conheçam entre si para além de referências bibliográficas, o que as aproxima, contudo, são suas trajetórias a partir da Geografia, e os espaços como a Universidade e a Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB), ocupado por elas em diferentes tempos. Observando apenas a partir da figura índice a seguir, não é possível definir a inter-relação entre as trajetórias destas mulheres, contudo, a partir das cartografias que registram suas narrativas profissionais, podemos representar e compreender a multiplicidade do Espaço compartilhada e criada por essas mulheres a partir da Geografia.

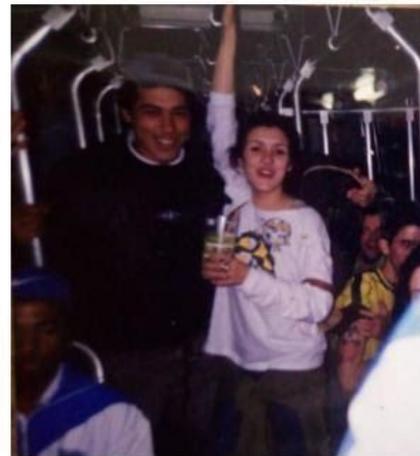
Na legenda da figura índice a seguir é possível acompanhar a sequência da apresentação das narrativas. No começo de cada narrativa, canto superior à direita e em negrito, está indicado qual fragmento da cidade está sendo narrado, que é

encerrado pela apresentação da cartografia de trajetória que reúne às duas narrativas apresentadas ao longo do fragmento de cidade.

Zona Norte

100% Zona Norte

Naturalidade: Porto Alegre
Nascimento: 1979
Formação: Licenciatura em Geografia pela UFRGS (2008), Mestrado em Geografia Humana pela USP (2011), atualmente cursando Doutorado pela UFRGS
Escola do Pensamento Geográfico: Geografia dos de baixo
Geógrafa de referência: Cláudia Luisa Zeferino Pires, Andréa Ketzer Osório, Talita Herechuk, Évelin Biondo
Local da entrevista: Na sua casa, no bairro Bom Fim
Data da Entrevista: 15/08/2018



Fonte: Acervo pessoal da entrevistada cedido em outubro de 2018.

Nascida em Porto Alegre em 1979, no hospital Conceição no bairro Cristo Redentor, viveu a cidade a partir da zona norte, principalmente durante sua infância e juventude, o que constituiu grande parte de sua identidade com a cidade. Durante a faculdade morou no bairro Cidade Baixa, e ao regressar de São Paulo depois do mestrado, voltou a morar na Cidade Baixa. Atualmente mora com a família - o companheiro e seus dois filhos, no bairro Bom Fim, do qual diz ter uma lembrança nostálgica da época da juventude, porque era o lugar onde tudo acontecia das movimentações políticas a cena *rock and roll* da cidade.

Da relação com a zona Norte (ZN) da cidade, propõe alguns recortes. O primeiro é de geração e de classe, que remonta a outra organização de cidade e de mobilidade

urbana. Com 10 anos, havia outra lógica de pertencimento de bairro. Ela morava em uma casa e podia ficar na rua até as 22h no Bairro Itu Sabará que era totalmente horizontal e cheio de pracinhas. Até 2017, ainda votava na mesma escola no bairro Itu Sabará, apenas a pouco que seu título mudou para o Bom Fim. Foi com o pai, nas últimas eleições até o bairro da infância e para ela, hoje esse tipo de bairro traz um sentimento melancólico, super saudosistas.

Aos 14 anos, andava de skate com a galera da ZN, mas também frequentava outros grupos da região. A galera tinha uma identidade muito forte com o bairro, e era comum ver os ônibus marcados com a inscrição *100% Zona Norte*. Aos 15-16 anos, leu seu primeiro livro sobre política, era uma biografia do Trotsky que pertencia a sua mãe. Comenta que achou *'tri'* bonita a história.

Viveu em Porto Alegre até os 17 anos, e depois morou nas cidades de Torres e Santo Antônio da Patrulha. Saiu um tempo de Porto Alegre pela inquietação da cidade. A mãe voltou a morar em Porto Alegre no bairro Cristo Redentor e depois foi morar na praia, em Capão da Canoa. Durante a graduação ela foi morar na Casa do Estudante da Rua José do Patrocínio no bairro Cidade Baixa. Após concluir a graduação foi para São Paulo fazer o mestrado e quando voltou, alugou um apartamento na mesma rua no bairro Cidade Baixa, onde morou com amigos da Geografia, até que mudou para o bairro Bom Fim com a família. Com a ida e vinda para São Paulo durante o tempo do mestrado, ficou difícil estabelecer grupos de amigos fora da Geografia. Através da caminhada do mestrado chegou à ocupação Utopia e Luta, primeiro assentamento urbano em um prédio público localizado a Av. Borges de Medeiros, no centro de Porto Alegre, reconhecido por lei em 2008 como área de interesse social e lugar onde foi possível para ela analisar a aplicação prática de um espaço de autogestão coletiva.

Aos 18 anos filiou-se ao Partido Socialista dos Trabalhadores Unificados - o PSTU, no qual permaneceu por um tempo, se desvinculando logo em seguida. Sempre teve muita curiosidade pelas ideias anarquistas, mas não encontrava significado no movimento que existia em Porto Alegre na época, voltado principalmente ao Anarco

Punk. Teve namorado, tem amigos, e parentes que foram ou ainda são deste movimento, mas que não significava para ela a parte mais interessante do movimento anarquista.

Em Santo Antônio da Patrulha, aos 21 anos, foi apresentada ao anarquismo por seu então companheiro na época. Destaca que é uma *'peleia'* aplicar o anarquismo na prática geográfica, porque é uma ideologia não científica, serve para dar suporte de luta, não para a ciência, logo, não é para ser aplicada na academia.

'Não somos todos obrigados a ser anarquistas, para ser uma pessoa libertária, se não seria autoritário'

Ainda na adolescência, estudou em muitas escolas durante o ensino médio, pois começou e saiu de várias escolas até completar a etapa. Fala de uma colega em uma dessas escolas, que tinha no caderno gravado 'Para não dizer que não falei de flores', hino contra ditadura do cantor Geraldo Vandré. Admite que essa colega foi uma das suas primeiras influenciadoras nas questões políticas que sempre despertaram seu interesse.

'Fiz o ensino médio por uma questão de trampo e porque voltei a ter interesse nas coisas de política... Não pensava em fazer UFRGS, nem Geografia, mas, tinha interesse em Comunicação Social e essas coisas.'

Foi um primo que a incentivou a fazer cursinho pré-vestibular. Primeiramente estudou para o vestibular de Jornalismo. Durante o período de provas, no dia antes da prova de Geografia ligou para outro primo que já fazia o curso na UFRGS para ajudá-la a estudar, e na sacada da casa dele, tendo uma aula de geomorfologia ali se abriu o mundo, era Geografia que ela queria fazer.

‘A ideia da geomorfo tem uma coisa muito bacana, porque te coloca em um lugar muito pequeno em escala, olha a formação de um morro tu não tá falando de uma pessoa, tu tá olhando o chão mesmo’.

Fez o vestibular de jornalismo, mas não lembra se fez todas as provas, deixou para passar no vestibular no próximo ano para Geografia. Destaca que a sua turma é formada por um grupo que se intelectualizou bastante, pois grande parte de seus colegas fizeram mestrado, doutorado, e hoje são professores em universidades e institutos federais. Durante a graduação esses mesmos colegas, assim como ela, frequentavam os laboratórios do Programa de Educação Tutorial o PET, o Núcleo de Estudos Geografia e Ambiente, o NEGA e o Laboratório do Espaço Social, o LABES do departamento de Geografia da UFRGS.

Mas destaca o tempo de Confederação Nacional de Entidades de Estudantes de Geografia, a CONEEG, como a grande referência de sua formação geográfica, pois aprendeu muito mais nas mesas, plenárias e eventos organizados pelos estudantes, do que no próprio currículo formal da graduação. Isso fez também com que ela socializa-se com diversas gerações sem saber qual turma era qual. Com o movimento de saída da graduação, veio a fase de Associação dos Geógrafos Brasileiros, a AGB que gerou muita socialização entre gerações sem tanto conflito como se dava no movimento estudantil.

Ainda sobre a graduação, inicialmente entrou no bacharelado, porque parecia que tinha mais *status*. No terceiro semestre, convivendo com o pessoal da licenciatura mudou de habilitação, pois começou a achar simpática a ideia.

‘Eu nunca quis ser professora... Nunca não quis também’

Acha uma profissão incrível, por tudo que tem de mais brega e complexo, de extraordinário e de sofrido. Ficou três anos sem dar aula e quando voltou na semana passada parecia que tinha tirado um caminhão nas costas.

‘Sai nova da sala de aula. É complexo, é diverso, te põem em contradição, te obriga a pensar te coloca em arapucas e as vezes é chato também. É uma luta, são desafios mesmos. Tu cai muito em contradição naquilo que a vida te ensina, que a academia te ensina...’

Destaca como é significativa para ela a formação dos alunos ao apresentar para eles a esquerda, o anarquismo e o feminismo. Se emociona de ver os alunos encantados, transformados e de conferir a ela essa importância em suas formações, isso para ela é Geografia.

‘A sala de aula me deixa muito feliz porque é um espaço político, de disputa... Eu consigo colocar uma plenária em sala de aula e isso é formativo.’

Ainda assim:

‘O trabalho do professor não é valorizado, nem pelos alunos, porque ninguém quer ser, e também por uma questão moral, de grana. A sala de aula é um espaço coletivo, e a Geografia se preocupa com isso.’

Por fim, destaca que as questões de gênero é uma coisa tão recente nas discussões da Geografia, que na sua época de graduação quando carregava a Geografia como uma bandeira de luta não chegava a identificar as questões de gênero. Só foi se dar conta dos obstáculos de ser mulher durante a maternidade, ao perceber como os homens têm privilégio e as mulheres não.

Cemitérios industriais

Naturalidade: Porto Alegre
Nascimento: 1965
Formação: Licenciatura (1992), Mestrado (2008) e Doutorado (2014) em Geografia pela UFRGS
Escola do Pensamento Geográfico: Geografia Marxista
Geógrafa de referência: Nina Simone Vilaverde Moura
Local da entrevista: Parque da Redenção no bairro Farroupilha
Data da Entrevista: 12/09/2018



Fonte: Registro da entrevistada cedida durante nosso encontro.

Nasceu no Hospital Beneficência Portuguesa, no Centro de Porto Alegre, e morou no bairro Jardim Botânico nos seus primeiros anos de vida. Depois a família mudou para o bairro Sarandi - no Jardim Barão do Cay, entre a Av. Assis Brasil e a Av. Baltazar de Oliveira Garcia. Cresceu nessa região e aos 22 anos mudou-se para o Bairro Jardim Leopoldina.

‘Porto Alegre era um lugar onde podia correr, subir nas árvores, fazer fogueira na época de São João, brincar de caçador no meio da rua. Os amigos eram do bairro e os encontros para brincar eram na rua ou nas casas. Podia-se correr e brincar na rua, dentro dos limites de liberdade que os pais davam e alguma despreocupação.’

‘Quando pequena, o centro da cidade que frequentava era aos arredores da Prefeitura-Voluntários, não existia o Gasômetro como ponto de encontro naquela época, a cidade era bem diferente... Ainda havia o costume de tomar banho no Lami, então volta e meia a gente fazia uma farofada, mas esse caminho para o Lami era como se fosse outra cidade - a paisagem era muito diferente do caminho para o centro. Esses momentos eram compartilhados com os familiares: pais, irmãos, tios, primos

'Na adolescência mudei de escola, fui fazer o Ensino Médio no bairro Navegantes. Os antigos amigos do bairro não foram estudar no mesmo lugar. Desde então meus colegas de aula passam a ser de diferentes bairros ou de outras cidades. Porto Alegre nesse momento tornou-se outro lugar: não ia mais a pé para aula, tinha que pegar ônibus, pegar trânsito, estavam construindo os corredores de ônibus na Av. Assis Brasil e na Av. Farrapos. Nesse período da adolescência Porto Alegre tornou-se um lugar desconhecido, muito diferente daquele da minha infância. Esse momento marca o início do distanciamento da minha primeira cidade. '

'O curso de Geografia ainda era no centro quando iniciei a graduação. Para uma guria da periferia - na época, o lugar onde morava era bem periferia, tanto física como cultural, construir vínculos dentro da academia não foi tarefa fácil. A cidade ficou diferente novamente, pois vivenciei o centro de outra forma, por outras ruas e outros lugares, com um outro olhar. Era como um mundo desconhecido, uma terceira Porto Alegre. Nesse período deixei de conviver com os grupos de amigos do bairro. '

Na metade do curso começou a trabalhar no banco Meridional, o que atrasou um pouco a conclusão de sua graduação. Formou-se na Licenciatura e continuou os estudos no Bacharelado, mas não concluiu. Casou, teve filhos e outras atividades que foram deixando a sala de aula para depois. Permaneceu como bancária por um longo período, pois as possibilidades de salário eram mais significativas.

A representação da cidade ao longo da vida tem muitos significados, em momentos foram acolhedores, em outros nada acolhedores - nesses últimos, sentia estar em lugares que não eram seus. Os locais de trabalho estão espalhados pela cidade e também fora de seus limites. Nos anos 1980 e 1990 participou de passeatas e movimentações pelo centro da cidade, frequentou o bairro Cidade Baixa, mudou-se algumas vezes, mas sempre residiu na região Norte da cidade. Nesse período foi militante do Partido dos Trabalhadores.

Iniciou na docência em 1998 como contratada na prefeitura de Gravataí, atuando em turmas de EJA. Em 1999 assumiu como concursada na mesma prefeitura e trabalhou em diferentes escolas/bairros deste município, permanecendo neste vínculo por 10 anos. No início dos anos 2000 atuou na rede Estadual, em Porto Alegre, através de dois concursos realizados em épocas diferentes, dos quais se exonerou para assumir outras atividades. No final dessa mesma década experienciou a rede Municipal de Porto Alegre, atuando em duas escolas: uma no extremo norte, no bairro Santa Rosa e outra no extremo sul da cidade, no Bairro Restinga. A zona Sul, na sua percepção, ainda hoje parece outra cidade. Entre 2009-2010 foi professora substituta no Colégio de Aplicação da UFRGS, o CAp - licenciou-se em Gravataí nesse período. Em 2010 fez o concurso para professora efetiva no CAp, e atualmente exerce a docência exclusivamente nesta escola, onde trabalha com as turmas de Ensino Médio.

'Mesmo morando em Porto Alegre, sentia que Gravataí era meu lugar... morava aqui, mas trabalhava lá e tinha um vínculo muito forte com aquele lugar... Gravataí foi a minha cidade por muito tempo, por uma década. No mestrado foi meu objeto de estudo. Nessa época morava no Bairro São Geraldo. Estudando Gravataí percebi uma relação entre as indústrias de lá e as antigas indústrias de Porto Alegre... as indústrias da região Norte, onde sempre morei... as indústrias do Quarto Distrito, onde morava. No doutorado estudei os antigos prédios industriais da capital, em certa medida um estudo do (meu) lugar. Então... posso dizer que sou a moça dos cemitérios industriais. Visualizei durante minha trajetória na cidade a transformação da espacialidade industrial na capital. Analisar e compreender esse processo foi também analisar e compreender a minha Porto Alegre - por exemplo: onde hoje está o Shopping Wallig funcionava antiga fábrica de fogões Wallig. No terreno instalavam-se circos e parques que passavam pela cidade e fizeram parte da minha infância. '

Na sala de aula sente que é desafiada a transformar algo que é complexo - a análise do espaço geográfico, em algo inteligível e compreensível. Em alguns

momentos durante sua formação pensou em focar no bacharelado, mas hoje acha que ser professora e pesquisadora condiz mais com seus anseios profissionais.

‘Gosto de coisas assim, de desafios que desestabilizam meu lugar... não é exatamente confortável, mas é enriquecedor. Entendo o espaço geográfico como processo e construção contínuos ao longo do tempo. Busquei um caminho onde pudesse ser professora e pesquisadora, para mim ser geógrafa é isso. É um trabalho técnico, mas humanizado... que precisa ter um sentido social.’

Contudo, não acha que a profissão de professora ou geógrafa seja valorizada. Nas escolas em que trabalhou percebeu a falta de professores de Geografia e a ideia de que outras áreas de conhecimento poderiam cobrir essas lacunas. Nas escolas existe uma desvalorização muito grande em relação à área de conhecimento e ao professor de Geografia.

Mantém relação de amizade com alguns colegas da graduação que se reúnem até hoje. Não tem uma relação de proximidade com as gerações anteriores, os contatos quando existem são formais. As atividades desenvolvidas no Colégio de Aplicação propiciam o contato com os profissionais mais novos e os estudantes da graduação.

“Acho o pessoal mais novo muito diferente do que éramos, mas identifico neles a busca por encontrarem-se dentro da academia, por construir um caminho na Geografia, o que de certa forma lembra minha própria trajetória. Por outro lado, minha geração não achava que sabia tanto... tínhamos outra postura dentro da academia, embora fossemos combativos. Mesmo assim vejo nos mais jovens ganas e muito desejo de fazer coisas, eles querem abraçar o mundo, disso eu gosto. Estão preocupados com outras Geografias... nós nos preocupávamos com a Geografia marxista, macroeconômica, e agora a preocupação parece ser com a Geografia do lugar, ou melhor, da micropolítica...”

Eixo leste-oeste

Lugar de uma vida inteira

Naturalidade: Porto Alegre

Nascimento: 1946

Formação: Licenciada em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1968) e Mestre pelo PROPUR/UFRGS (1992)

Escola do Pensamento Geográfico: Plural, viveu a época das rupturas entre a geografia francesa, quantitativa e crítica

Geógrafa de referência: Bertha Becker, Fany Davidovich, Dirce Maria Antunes Suertegaray e Arlete Moysés Rodrigues

Local da entrevista: Sala da fundação Julinho no Colégio Estadual Júlio de Castilho

Data da entrevista: 01/10/2018



Fonte: Sítio eletrônico da Fundação de Apoio ao Colégio Estadual Júlio de Castilho. Acessado em Janeiro de 2020.

Nascida em Porto Alegre, morou os primeiros 10 anos de vida em Santa Bárbara do Sul, na época ainda distrito de Cruz Alta. Uma de suas imagens de Porto Alegre é a do cais do porto, pois tinha por costume acompanhar o pai no trabalho e assim poder visitar as embarcações que chegavam com os produtos de outros lugares. Lembra que tinha a oportunidade de visitar os barcos cargueiros por dentro, e que são muito diferentes dos barcos de transporte de pessoas. Com a família, morou no bairro Floresta, onde também ficava a empresa que seu pai trabalhava com cargas de sal e outros produtos. O Mercado Público é também um ponto de destaque de suas memórias de infância, pois ia lá de madrugada com sua avó de origem espanhola, que encontrava na feira livre, externa ao Mercado Público, produtos que lembravam sua terra natal.

Ingressou no curso de Geografia da UFRGS em 1965. Com ela, entrou apenas mais um colega. A ideia inicial era fazer bacharelado, mas como começou a dar aulas de Geografia em cursinhos pré-vestibulares uma semana antes do início das suas aulas no curso de Geografia, acabou por optar pela licenciatura como habilitação do

curso. Entre os anos de 1965 e 1969 trabalhou em cursos supletivos, pré-vestibulares e várias escolas como o colégio Israelita, o Luciana de Abreu e o Irmão Pedro, às duas últimas escolas públicas.

Já no segundo ano de curso, por ser período de ditadura, quando os concursos estavam suspensos e os cargos eram ocupados por indicação, foi convidada a dar aulas no curso de Pedagogia da UFRGS. Ainda na graduação, também foi convidada a dar aulas no Colégio de Aplicação da UFRGS. O cargo de professora no Estado do Rio Grande do Sul só conseguiu depois de formada, quando fez o concurso para o Colégio Júlio de Castilhos, o Julinho. O que lhe deu muito orgulho, pois na época a escola era uma das três ditas Escolas Padrão, responsável por estudar, organizar e orientar as mudanças curriculares que serviam de modelo para a maioria das escolas públicas e privadas de todo o Estado. Em 1969, tinha 22 anos quando começou a dar aula para duas turmas de 40 alunos do curso colegial, onde todos os alunos eram mais velhos que ela.

Após a licenciatura fez os créditos do bacharelado, mas não defendeu o trabalho de conclusão devido a seu casamento que ocorreu também em 1969, acabando por não obter a habilitação de bacharela em Geografia. Por exigência do Ministério da Educação (MEC) aos professores universitários, tornou-se indispensável ingressar num curso de mestrado. Não tendo condições de realizá-lo fora do Estado, não desejando cursar na área de Educação e não existindo ainda o pós-graduação em Geografia, optou pelo mestrado no Programa de Pós-graduação em Planejamento Urbano e Regional pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRGS (PROPUR/UFRGS), porque não queria fazer o mestrado na educação e ainda não se pensava em um programa de pós-graduação na Geografia. Isso foi em 1989 quando então contava com 43 anos, e tinha 20h de UFRGS, 40h de estado e 3 filhos em idades variadas. Contudo, sente que nesse período conseguiu fazer uma ponte de trabalho interdisciplinar entre os cursos de arquitetura e Geografia.

Acompanhou a transposição do curso de Geografia do *campus* central para o *campus* do vale, que aconteceu por volta de 1987-1989. Destaca que sua percepção

da cidade se ampliou com esse novo caminho e foi através do curso de Geografia que pode circular bastante por Porto Alegre através dos trabalhos de campo. Após se aposentar no ensino superior em 1996, continuou a trabalhar por 11 anos no Núcleo de Integração Universidade-Escola, vinculada a Pró Reitoria de Extensão da UFRGS. Em função disso, circulou por todo o Estado fazendo formação sobre os temas Projeto Político Pedagógico e Avaliação, através dos recursos fornecidos aos municípios pelo Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica (FUNDEB).

Em 2006 passou a se integrar a Fundação de Apoio ao Colégio Estadual Júlio de Castilhos, o Julinho, que é uma fundação única no país nessa modalidade, e que tem por objetivo arrecadar fundos para a manutenção da escola. A fundação é de 1999, e foi criada por dois ex-diretores que queriam restaurar a escola que estava muito degradada na época. Para isso, convidaram ex-alunos e ex-professores da escola. Através dos programas desenvolvidos pela fundação segue descobrindo a cidade de Porto Alegre.

Por fim, conclui dizendo que gostou muito da sua vida profissional, que foi muito rica e que se por acaso alguém a convidasse a repetir, repetiria sem duvidar, acertando em alguns lugares com mais precisão do que o ocorrido, mas sem grandes modificações, sente-se satisfeita com sua vida profissional. Ainda sobre a profissão de professora não se vê diferente dos outros professores, por ser Geografia a sua matéria, entende o ser professora enquanto uma complexidade que transcende a disciplina ministrada, ser professora é mais que passar conteúdos, exige uma sensibilidade emocional e uma organização profunda. Nunca se sentiu desvalorizada na profissão, mas percebe que isso não quer dizer que é uma profissão adequadamente remunerada, nota que nunca foi mesmo na sua época.

Sobre a relação com geógrafos e geógrafas de outras gerações, fala da reação com os mais novos, através dos professores do curso de Geografia que foram seus alunos e depois vieram a ser seus colegas de departamento. Entre seus colegas contemporâneos de departamento, destaca a Dirce Suertegaray como uma representação significativa do período quando trabalhou no curso de Geografia. Na

relação com as gerações mais antigas, destaca também essa relação professor-aluno através da figura de seu professor no Colégio de Aplicação, o Sr. Gervásio Rodrigo Neves, que passou depois a ser também seu colega de trabalho no período em que ela trabalhou na escola, desenvolvendo uma boa relação que se mantém mesmo agora, visto que ele como ex-aluno do Julinho, também é membro da fundação.

Inventário de mim mesma

Naturalidade: Porto Alegre
Nascimento: 1992
Formação: Bacharelado (2014) e Licenciatura (2016) em Geografia pela UFRGS.
Escola do Pensamento Geográfico: Geografia Quilombola e nova geografia cultural
Geógrafa de referência: Cláudia Luisa Zeferino Pires, Doreen Massey, Marília Guimarães Ratmann.
Local da entrevista: Meu quarto, bairro Santana
Data da Entrevista: 11/04/2020



Fonte: Acervo da autora. Museu de Porto Alegre Joaquim José Felizardo, 2008.

Nasci em Porto Alegre, em 1992, 15 dias antes do previsto. De certo modo, sempre estive correndo um pouco a frente do relógio, e não sei como explicar isso de outro jeito, mas, fui uma criança velha. Nasci com cem anos e gradualmente vou me permitindo ser jovem. A Geografia apareceu na minha vida durante o ensino médio, porque todos os professores e professoras eram bonitos e falavam coisas interessantes sobre *‘à terra, a água e o ar’* e eu ainda nas aulinhas de inglês, queria ser como eles, porque pensava que beleza era contagioso. Nessa época também fui conquistando os primeiros caminhos pela cidade para além do percurso casa-escola e vice-versa. O registro que emoldura minha narrativa é do final do ensino médio, quando fazia passeios investigativos pela cidade com minha amiga Julien. Inventamos pesquisas desnecessárias para passear entre os museus e outros recantos não tão

destacados da cidade. Não sei se éramos gólicas, mas curtíamos passear pelo cemitério da Santa Casa, que depois na graduação descobri ser uma forma de visita museológica.

Aos dezessete anos passei no primeiro vestibular que fiz, escolhi licenciatura em Geografia porque sabia do que se tratava, bacharelado não era uma palavra que pertencia ao meu vocabulário. Como entrei menor de idade do curso, precisei de autorização da minha mãe para todos os trabalhos de campo do primeiro ano. Contudo, me senti no direito, na real no dever de me sentir autorizada a namorar todo mundo que eu quisesse. Assim, mesmo ainda com pouca idade, tive as mais diversas experiências amorosas que fazem parte do meu mapa afetivo de cidade, pois essas relações me ensinaram coisas importantes, sobre mim mesma e também sobre a cidade. Passei a conhecer a gastronomia de sobrevivência do Menino Deus, e a respeitar os imaginários da cidade que se desenha a partir da longínqua Ponta Grossa. Sinto uma dor imensa em relação a Viamão e a Vila Santa Isabel/Jardim Universitário, mas agradeço com profunda saudade ao Antônio por me fazer descobrir a região metropolitana.

O processo de me tornar geógrafa se dá diariamente, mas tem alguns acontecimentos de destaque ao longo da minha trajetória de formação que vou dar maior destaque. O primeiro deles foi quando eu descobri o significado do bacharelado. Isso foi por entre o final de 2010 e o começo de 2012 quando com mais três colegas licenciados produzimos um relatório socioeconômico sobre a situação das famílias da extinta Vila Choclatão. A Choclatão era uma vila de papeleiros, localizada na Av. Loureiro da Silva em meio ao centro administrativo da capital. A prefeitura organizou uma remoção da comunidade mesmo esta podendo ser facilmente reassentada no local, com melhores condições de saneamento e infraestrutura básica para as famílias. Contudo, isso foi totalmente negligenciado a comunidade enquanto ela ocupou este Lugar que hoje se encontra gradeado e subutilizado servindo como estacionamento para os prédios do entorno.

O trabalho desenvolvido a partir da Chocolatão me deu as primeiras noções de pesquisa, extensão e propósito do que a universidade pode fazer. Foi uma tarefa árdua, mas um trabalho genuíno, desenvolvido por quatro estudantes de licenciatura e posteriormente defendido pelo nosso professor, parceiro e orientador Nelson Rego. A partir desse trabalho também descobri a mediocridade acadêmica, seja entre as produções e os sujeitos. Deparei-me também com o medo de ser professora, porque experimentei fazer uma atividade de contra turno chamada de + Educação na EMEF Villa Lobos, localizada no bairro Lomba do Pinheiro, onde mesmo acompanhada de mais dois colegas e sem todo o rigor da sala de aula me senti pequena, insuficiente e infantil para encarar uma sala de aula como professora. Logo, mudei minha habilitação para o bacharelado e ali me formei em 2014 com um trabalho de conclusão sobre narrativa e imaginário, sempre os meus temas mais caros, pela dimensão de Poder que eles exercem.

O ano de 2015 passou por mim e eu vi muito bem o que me atropelou. No começo do ano sofri um acidente onde perdi meu amor afogado no rio Maquiné, eu mesma quase fiquei por lá, mas não sei se por sorte ou castigo continuei por aqui. Tentando sobreviver a mim mesma, pude contar com a ajuda de parceiras importantíssimas durante esse ano para me recompor e continuar me tornando geógrafa. No final de 2013 a Marília me chamou para fazer uma maquete na aula da Cláudia, a partir dessa atividade conheci o Quilombo dos Alpes e foi para lá e com elas que voltei depois de tudo. Em 20 de novembro de 2015, no largo Zumbi dos Palmares no bairro Cidade Baixa assumi o trabalho da minha vida, pelo menos até agora, foi quando nós do NEGA passamos a assumir o trabalho técnico social do projeto habitacional do Quilombo dos Alpes. Por ser a única bacharela formada neste período eu assumi como responsável por esse trabalho desenvolvido por tantas cabeças e mãos dedicadas.

A partir dali comecei aos poucos a me enxergar como profissional. Mas eu sempre me achei geógrafa, ainda que em vários momentos me questione se estou

conseguindo me comunicar com a academia e com os outros geógrafos. Durante 2016 aprendi a ser professora, apanhei bastante porque é um ofício laborioso para o Ego e no fazer material mesmo, demanda tempo, atenção, amor... Enfim, coisas que eu ainda estava reaprendendo e resgatando em mim. Conclui a licenciatura com uma monografia sobre o imaginário das escolas ocupadas por secundaristas, expressão viva das transformações que a Escola e a educação precisam. Usei como lócus da minha pesquisa a E.E. De 1º e 2º Grau Emilio Massot, onde fiz meu estágio docente no Ensino Médio. Ali comecei uma prática como professora que me acompanha desde então, passei a trazer a questão quilombola para as minhas aulas e a fazer campo para o Quilombo dos Alpes de modo que os meus alunos possam desfrutar um pouquinho da sabedoria da Janja, a mulher mais inteligente que conheço a mestra griô que organiza todo o projeto territorial da comunidade.

Nem vi 2017 passar, foram tantas as disputas para a implementação do projeto habitacional financiado pelo programa Minha Casa, Minha Vida - Entidades, assim como atividades no Quilombo e no NEGA. 2018 começou com uma disputa judicial pelo projeto que só foi se resolver em novembro deste ano quando assinamos entre a Caixa Econômica Federal e os 50 beneficiários o contrato de formalização do projeto. Nesse período, me descobri para além de geógrafa, advogada, assistente social, bombeira... Enfim, pau para toda obra, desempenhando funções e engendrando condições de trabalho que viabilizaram o projeto. Não fiz e nem faço nada sozinha, mas carrego uma parcela significativa desse piano.

No fim de 2018, tive também a minha primeira experiência de professora de Geografia. Fui chamada em um concurso de professora substituta no Colégio de Aplicação (CAp) da UFRGS para finalizar o ano atendendo a quatro turmas dos anos finais do ensino fundamental e a iniciação científica do 4º ano. Foi uma experiência riquíssima, com boas parcerias e algumas amizades que permanecem. Com os colegas de CAp levei todos meus alunos e mais a turma do 3º ano do ensino fundamental ao Quilombo dos Alpes.

Também não vi 2019 passar, parece que faz tanto tempo, mas foi 'ontem'. Comecei o ano fazendo migração pendular de Porto Alegre para Sapucaia do Sul, onde trabalhei o primeiro trimestre como professora substituta de Geografia na Escola de Ensino Médio Artur Aluizio Daudt (Sesi/Sapucaia) atendendo 12 turmas do ensino médio. Com essa experiência conheci algumas das demandas e cobranças de uma rede privada, mas também tive muita liberdade e espaço para a criação. Também pude vivenciar um pouco do transporte público municipal e intermunicipal, e é uma droga constatar empiricamente como o transporte público municipal é mais lento que o intermunicipal.

Não consegui levar todos meus alunos ao Quilombo dos Alpes, mas fiz saídas de campo com todos os anos. Com os primeiros anos trabalhamos a partir do Lugar e exploramos os trajetos do entorno da Escola, com os segundos anos trabalhamos o Museu do Percurso Negro de Porto Alegre e o circuito da institucionalidade do poder através de visitas à Assembleia Legislativa, ao Palácio Piratini e a Câmara de Vereadores. Apenas com os alunos do terceiro ano foi possível visitar o Quilombo dos Alpes.

Concomitante com a escola de Sapucaia acontecia o trabalho técnico social no Quilombo dos Alpes. No segundo trimestre de 2019, trabalhei como 'mestra convidada' na Escola Lumiar, no bairro Mont Serrat. Lá, tive a experiência de trabalhar com um público elitizado, dentro de uma lógica de aula multisseriada, compreendendo os alunos dos quatro últimos anos do ensino fundamental em uma mesma turma.

Depois disso, fiquei sem escola, daí inventei uma, no Quilombo dos Alpes porque entendi que não fazia mais sentido para mim, trabalhar como geógrafa sem que isso envolva também trabalhar como professora. Desde então, tenho sido alfabetizadora, merendeira e também orientadora pedagógica desta escola que com os parceiros do NEGA e do Quilombo dos Alpes estamos colocando de pé.

Desde 2016, minha imagem de Porto Alegre tem se transformado muito, em função do trabalho de geógrafa desenvolvido pelo NEGA no Quilombo dos Alpes pude também ser reconhecida e solicitada a trabalhar em outras comunidades quilombolas da cidade. Atualmente, são sete as comunidade quilombolas de Porto Alegre auto reconhecidas pela Fundação Cultural Palmares. A partir do Quilombo dos Machados/Vila 7 de setembro passei a conhecer um pouco mais das dinâmicas do bairro Sarandi e no Quilombo da Família Silva foi possível observar as distâncias socioeconômicas de uma comunidade quilombola situada em um dos bairros mais caros da cidade, tal qual é o bairro Três Figueiras. Através do trabalho desenvolvido nessas duas comunidades, consigo dar significados a imagens da zona norte da cidade que antes não tinham significado nenhum para mim.

Outras zonas da cidade foram ganhando significado de Lugares para mim com o trabalho nos quilombos, é o caso do Quilombo da Família Lemos no bairro Santa Tereza e o Quilombo da Família Flores na Glória, que assim como Quilombo dos Alpes significam o melhor do meu trabalho no bairro com o topônimo mais bonito da cidade. Imagina que legal dizer que mora da Glória, é no mínimo uma orgulhosa brincadeira de palavras.

Porto Alegre se expande e se comprime à medida que a vou desvendando. Na mesma medida em que ela me acolhe na casa da minha mãe no bairro Santana, ela também me sufoca pelos quase trinta anos na casa de mamãe. Luto para que Porto Alegre não me expulse de sua paisagem, contudo também sei que fiz aqui um Lugar profundo, que mesmo fazendo novos Lugares em outras cidades, sempre vou encontrar por aqui uma parte de quem sou eu.

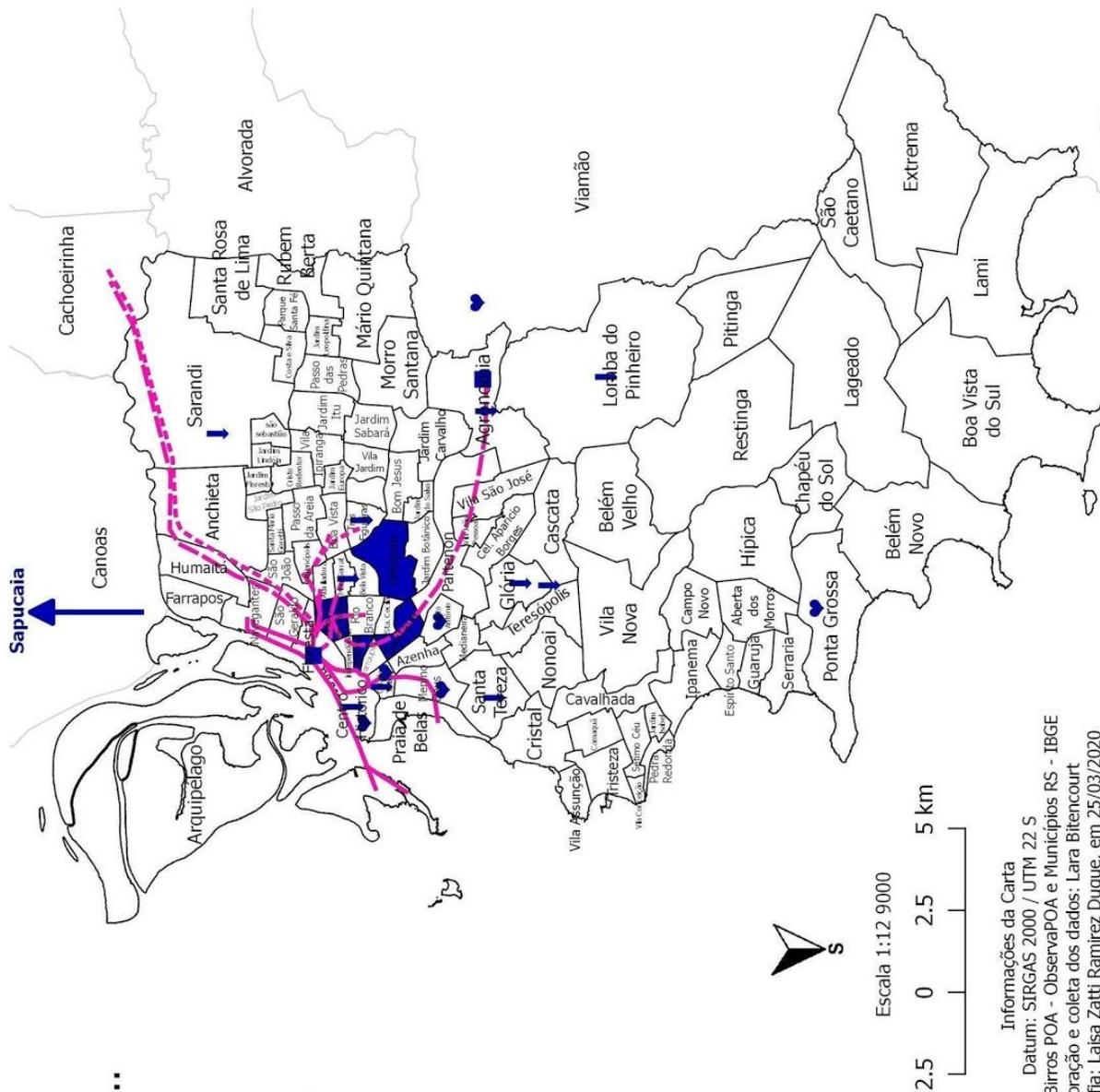
PORTO ALEGRE... LESTE-OESTE

Lugar de uma vida inteira

- Até os 72 anos
- - - Até os 60 anos
- Até os 18 anos

Inventário de mim mesma

- ↓ Trabalhei
- ♥ Namorei
- Morei
- Estudei



Informações da Carta
 Datum: SIRGAS 2000 / UTM 22 S
 Shapfiles: Birros POA - ObservaPOA e Municípios RS - IBGE
 Elaboração e coleta dos dados: Lara Bitencourt
 Cartografia: Laisa Zatti Ramirez Duque, em 25/03/2020

Zona Sul

Para mim, a cidade é um território

Naturalidade: Porto Alegre

Nascimento: 1988

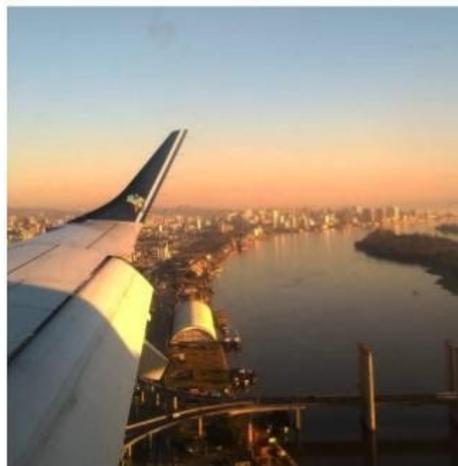
Formação: Bacharelado (2011) e Mestrado (2015) em geografia pela UFRGS

Escola do Pensamento Geográfico: Geografia crítica e libertária

Geógrafa de referência: Ana Fani Carlos, Renata Silveira, Dirce Maria Antunes Suertegaray, Andrea Gutierrez, Carmem Mirage

Local da entrevista: Na sua casa no bairro Menino Deus

Data da Entrevista: 01/08/2018



Fonte: Registro da entrevistada cedido em fevereiro de 2019.

Nasceu em Porto Alegre e viveu na mesma casa no bairro Azenha, até que se mudou para o Menino Deus quando conseguiu sua independência financeira. Frequenta os mesmos lugares de quando era adolescente ainda que as pessoas tenham mudado, e a maioria de seus amigos agora é formada por pessoas que vem de fora da cidade e/ou do estado, ao contrário dos amigos de quando era criança e adolescentes. Tem noção de que conhece uma parte restrita da cidade, mas que esta parte conhece bem. Para ela faz diferença conhecer a cidade a pé, de bicicleta e de carro e procura explorar essas formas diferentes de ver a cidade. Seu eixo de circulação na cidade é zona sul - centro. Percebia o contraste social de seu modo de vida através dos amigos e atividades da juventude quando circulava pelas vilas e morros próximos da casa de sua família. Pensa que isso auxiliou sua desenvoltura nos projetos de pesquisa que participou durante a graduação sobre a metropolização de Porto Alegre. A oscilação de escolas e de mundos se deu muito forte quando estudou na escola particular Leonardo da Vinci e era a única aluna a andar de ônibus. Parecia que ela era de outro mundo. Ela e a irmã, eram as únicas a andar de ônibus no período

em que estudaram em colégios particulares da zona sul. A irmã estudou no João Paulo.

Em sua trajetória, a cidade sempre teve o apelo de lugar de lazer e diversão, sociabilidade, encontro com os amigos e prática de esportes. Sua cidade fica mais extensa através dos movimentos de apropriação dos espaços públicos engendrados desde pequena. Seja através da companhia dos colegas e amigos durante a juventude, os comícios políticos com a família, os atos políticos já adulta, ou do bloco de carnaval do qual faz parte. Foram as caminhadas pela cidade que influenciaram sua escolha por uma graduação voltada para refletir as questões sociais. Inicialmente chegou a tentar vestibular para história, mas não passou. Depois que terminou o colégio e não passou no vestibular de história, sua mãe a matriculou no curso de administração voltada para área da saúde na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, a UERGS, onde cursou graduação por dois anos e aprendeu bastante sobre políticas públicas. Mas a vontade em fazer Geografia veio da inspiração dada por uma professora do cursinho pré-vestibular que falava de Geografia de uma forma que ela nunca tinha visto. Além disso, essa professora tinha um trabalho voluntário com moradores de rua do viaduto da Borges, do qual ela foi convidada a participar na distribuição de cobertores e alimentos, fazendo contato direto com o público.

Nota que sua desenvoltura no falar com as pessoas lhe possibilita que transite entre várias realidades sociais. Gosta muito de se comunicar, mas não quis ser professora porque não gosta da Escola, tem vontade de dar aula na universidade no futuro. Não gosta da ideia de ter que lidar com os pais e nem de dizer aos outros o que fazer, mas foi professora em um cursinho pré-vestibular popular por um ano e gostou desta experiência porque as pessoas iam às aulas porque queriam. Imagina-se voltando para a universidade como professora, trazendo a discussão da mobilidade urbana e a gestão do plano diretor como seus principais temas de trabalho. Nota que tem lacunas no mercado de trabalho que os geógrafos poderiam ocupar com excelência, mas que não se sentem preparados para isso, o que acaba por comprimir a

abrangência do mercado de trabalho dos geógrafos. Os arquitetos têm pouca formação sobre urbanização, mas dominam o mercado sem possuírem metade das ferramentas dos geógrafos para análises mais complexas. Depois de formada trabalhou como geógrafa contratada no Departamento Municipal de Transportes em Porto Alegre, e a cinco anos trabalha na ONG *World Resources Institute*, a WRI Brasil. Sente que seu trabalho é muito valorizado, pois sempre foi bem remunerada, e agora é contratada como geógrafa ganhando o piso da categoria. Sente que é valorizada no trabalho, por viajar bastante, apresentar palestras nacionais e internacionais para prefeitos e secretários, além de capacitar pessoas teoricamente com muito mais conhecimento do que ela. Destaca que é bem mais fácil trabalhar com um Lugar que já conhece e fazer análises projetivas deles, contudo já chegou a trabalhar com recomendações técnicas para o plano de mobilidade de 15 cidades.

Para um doutorado, não tem perspectivas de fazer no Brasil porque percebe que não tem orientação para sua área de pesquisa que é voltada e Geografia da Mobilidade. Pensa em tentar doutorado na Espanha, mas em verdade não tem interesse em sair do Brasil, gosta muito daqui e da América do Sul. Sente que faltam estudos sobre transporte e mobilidade urbana voltada à análise das apropriações espaciais dos sujeitos, o que é uma possibilidade de análise de ser feita a partir da Geografia. Para ela a Geografia da Mobilidade não precisa estudar só a logística do transporte de cargas, é possível pensar a articulação de territórios a partir destas lentes. A relação com as pessoas da Geografia se dá principalmente a partir dos amigos da graduação, pelo movimento estudantil e a Associação dos Geógrafos Brasileiros, a AGB, da qual fez parte. Com os mais antigos teve contato através da AGB e considera amigos alguns que foram suas leituras durante a graduação. Sobre os mais novos, nota que até o mestrado renovou suas amizades, mas hoje não conhece mais ninguém. Fala orgulhosa de ter ido a todos os Encontros Nacionais de Geógrafos desde que entrou na Geografia, e que participar da organização de eventos acelera o processo de conhecer e confiar nas pessoas.

Tive que viver fora para entender que aqui é o meu Lugar

Naturalidade: Rio Grande

Nascimento: 1987

Formação: Licenciatura (2010) Bacharelado (2011) Mestrado (2012) pela UFRGS, Mestrado Erasmus Mundus (2014) e atualmente cursa doutorado pela UFRGS

Escola do Pensamento Geográfico: Geografia crítica

Geógrafa de referência: Doreen Massey

Local da entrevista: Sede da AGB, na Rua Uruguai, bairro Centro

Data da Entrevista: 16/07/2018



Fonte: Registro da entrevistada cedido em julho de 2018.

Nasceu em Rio Grande, mas veio pequena morar em Porto Alegre. Se considera porto-alegrense porque é na cidade que tem as suas referências de lugar. Entrou na Geografia da UFRGS em 2006. Durante o curso fez seu primeiro intercâmbio para os Estados Unidos em 2008. E depois para a Espanha em 2011, ainda na graduação. Entre 2011 e 2012 fez mestrado em Geografia pela UFRGS. Logo em seguida, ingressou no mestrado *Erasmus Mundus*, onde fez intercâmbio para a Alemanha, Noruega e Inglaterra.

Apesar de ser um cosmos complexo, com muitas conexões intelectuais dela com o mundo, é pouca sua circulação pela cidade. Além das relações de trabalho e da família elencadas por ela no mapa, suas conexões estão principalmente na sala de aula e na educação ao ar livre. Através das viagens adquiriu a compreensão de Lugar e o sentimento de pertencimento voltado para Porto Alegre.

‘Chegou um momento que pensei - cansei de estar longe. Será que eu não posso ter um emprego legal em Porto Alegre?’

Quando retornou para Porto Alegre em 28/03/2014 começou a trabalhar em 04/04/2014. Sua identidade profissional é de professora, a identidade de geógrafa vem com o trabalho em geoprocessamento junto ao setor público. Trabalhou por sete anos em escolas da iniciativa privada. No período de nossa entrevista, além de dar aula na escola Leonardo da Vinci para as turmas do ensino médio, também estava dando aula no curso de graduação da PUCRS e trabalhando como bacharela na Secretaria Estadual de Meio Ambiente, a SEMA. Atualmente, é professora concursada no Colégio de Aplicação da UFRGS.

‘A minha profissão como geógrafa me ajuda a ser uma professora melhor. Nunca pensei em mim como uma técnica, foi assim, fiz o concurso, me chamaram pro SEMA e tô aprendendo ali’

‘Como geógrafa e durante a graduação nunca percebi a diferença de tratamento entre homem e mulher, mas na escola isso fica evidente. No início com os alunos foi trabalhoso colocar minha autoridade, hoje é tranquilo. O que eu noto agora, não é ter minha autoridade questionada, mas a maneira como os colegas compartilham as demandas, as mulheres se envolvem muito mais, enquanto os homens se esquivam e está tudo bem. A sensação é de que se tu não faz como mulher é ruim, mas se o homem não faz, não tem problema.’

Por fim, sua relação com as pessoas da Geografia vem através dos colegas de graduação dos quais tenta manter contato apesar da distância. Alguns deles hoje são professores nas universidades federais do norte do país. O contato com os mais velhos se deu na relação de aluno-professores, e agora com as gerações mais novas na relação professora-alunos no curso de Geografia da PUCRS.

Quem vem de fora, faz aqui o seu Lugar

São muitas as possibilidades para o ativismo

Naturalidade: Marau

Nascimento: 1964

Formação: Bacharel em geografia pela FURG (1994), mestre em engenharia civil pela UFSC (2000) e doutoranda em planejamento urbano e regional pelo PROPUR/UFRGS

Escola do Pensamento Geográfico: Geografia marxista

Geógrafa de referência: Dirce Maria Antunes Suertegaray e Arlete Moysés Rodrigues

Local da entrevista: Prédio Centenário da Engenharia UFRGS - Campus Central

Data da Entrevista: 27/07/2018



Fonte: Registro da entrevistada cedido em agosto de 2018.

Natural do município de Marau fez a graduação em Geografia na Universidade Federal de Rio Grande, a FURG. Depois fez seu mestrado na Universidade Federal de Santa Catarina, a UFSC, no curso de Engenharia Civil voltado para o geoprocessamento, pois ainda não havia no final da década de 1990 programas de pós-graduação em Geografia no sul do país.

Seu primeiro vestibular foi na engenharia civil, pois começou a trabalhar com cartografia antes de entrar no curso de Geografia, através de um projeto de oceanografia. Já no curso de Geografia, toda sua graduação foi voltada ao geoprocessamento que estava muito mais vinculada às engenharias. A época do mestrado é do começo da popularização da *internet*. Mesmo na engenharia seu olhar tinha uma conotação social.

Ainda sobre a graduação, destaca as redes de solidariedade que se criavam entre alunos e professores. A inflação do governo Collor, fazia com que os preços dos alimentos mudassem muitíssimo dia após dia, logo os colegas que tinham freezer em

casa estocavam os alimentos dos colegas que não tinham freezer. Já no governo FHC, os professores alugavam casas muito baratas na praia para alojar os alunos.

‘Logo que eu me formei eu fui professora substituta (na FURG), mesmo sendo bacharel eu sempre estive ligada ao ensino.’

‘Apesar de ser bacharel eu sempre tive muita afinidade com o ensino, com a sala de aula, eu sempre gostei dessa coisa de construir junto, de estar com um grupo de alunos, conhecer diversas realidades...’

Depois de Rio Grande, foi morar em Santa Catarina e lá, passou na seleção para dar aula em uma universidade de Criciúma no sul do estado. Morando em Florianópolis, fazia a migração pendular para trabalhar. Por dez anos atuou nesta universidade em atividades interdisciplinares com a biologia, engenharia e outros cursos, discutindo e colaborando com o currículo. Por opção pessoal, trabalhou esse período sem CREA porque estava em sala de aula.

‘Quando nos mudamos para Porto Alegre, em 2009 eu tava no auge da carreira profissional voltada ao ensino em uma instituição de ensino superior - com laboratório, pesquisa, rede de contatos. Mas a distância de Criciúma - Porto Alegre criou uma série de barreiras para dar continuidade às atividades em Criciúma.’

‘Em Porto Alegre comecei a perceber que tinha um espaço muito grande para a militância, o ativismo, e que isso poderia ser também um exercício profissional.’

Assim, começou a trabalhar junto a ONG Cidade em um projeto financiado por uma ONG alemã, cujo objetivo era o de fazer dossiês sobre os casos da organização urbana em Porto Alegre, procurando particularidades e semelhanças. Foram dois anos de trabalho remunerado como geógrafa. Foi então que conheceu uma Porto Alegre profunda. Destaca o Túnel Verde na ponta grossa, que é uma ocupação na beira

d'água com alagamentos recorrentes, e o Recanto Verde na zona norte, conhecido como local de passagem para famílias removidas que fica perto do Marista Timbaúva.

Fala de um período de expansão do mercado de trabalho através de políticas públicas como o *Minha Casa, Minha Vida* (MCMV) e a atuação de ONGs voltadas a produção de conhecimento sobre as questões urbanas, étnico, raciais, de gênero e ambiental que os geógrafos não souberam ocupar. Pontua a questão dizendo que somos poucos, mas também lamenta a falta de iniciativa da classe. Destaca o trabalho dos geógrafos como subsídio a advogados, principalmente em decorrência dos ataques sofridos pelas comunidades durante o período de pré e durante a Copa do mundo de futebol de 2014.

Sobre a relação com as gerações mais novas convive mais com os estudantes dos cursos de direito e arquitetura do que com o pessoal da Geografia. Com os mais velhos tem alguns contatos profissionais. Já com o pessoal da sua geração cita dois colegas que mantém contato por terem atuações semelhantes. Não sente que do ponto de vista financeiro seu trabalho seja valorizado, mas pensa também que isso são escolhas, optou por ter bolsa do doutorado e se afastar do mercado de trabalho. Mesmo assim no resto, pensa que com certeza há valorização. Fica feliz quando a chamam para falar da cidade em mesas e palestras. Se sente muito realizada como geógrafa.

Porto Alegre é a continuidade de mim mesma

Naturalidade: Cacique Doble

Nascimento: 1965

Formação: Licenciatura em Estudos Sociais no Centro de Estudos Superior de Erechim (1987), Licenciatura em geografia (1993), Especialização em geociências (1995), Mestrado (2001) e Doutorado (2009) em geografia pela UFRGS

Escola do Pensamento Geográfico: Geografia marxista e cultural

Geógrafa de referência: Dirce Maria Antunes Suertegaray

Local da entrevista: Faculdade de Educação UFRGS - Campus Central

Data da Entrevista: 06/09/2018



Fonte: Registro da autora cedido em outubro de 2018.

Nasceu em um lugar onde se configura uma tribo indígena em Cacique Doble, mas não é indígena e nem nunca ouviu falar durante a sua formação estudantil coisas positivas de lá. Educou-se em São José do Ouro, fez magistério em Passo Fundo, cidade do Planalto Médio gaúcho e o curso de Estudos Sociais em uma faculdade de férias em Erechim. Assim, graduava-se nos períodos de férias de verão (janeiro e fevereiro) e de inverno (julho) enquanto dava aulas para as séries iniciais durante o período letivo e trabalhava de balconista em uma loja. No início de 1990 veio para Porto Alegre onde fez Geografia na UFRGS, não porque gostava muito, mas era onde tinha mais vagas para entrar como diplomada. Apaixonou-se por esta ciência e pelo seu potencial como componente curricular da Educação básica.

Está a 30 anos em Porto Alegre, veio porque casou, quando chegou, esta cidade era um não lugar. Com o tempo passou a compreender e dominar a cidade, e quando isso aconteceu se identificou com ela. Hoje tem o sentimento de pertença, e entende Porto Alegre como uma continuidade dela mesma circula como se tivesse nascido aqui. Vê a cidade como um conjunto de porto alegres. A cidade histórica, formada pelo centro histórico da Rua da Praia tem uma condição de fragilidade, mais

do que historicidade, porque a história do centro é invisível. Tem uma fragilidade existencial da injustiça social, dos moradores de rua.

'A praça da matriz me lembra o interior, tem uma magia esse lugar.'

Morou no Bairro Centro por 11 anos e agora mora na Zona Sul. Pensa que se mudou porque talvez ela ainda carregue a Geografia do interior, porque na Zona Sul não tem tanto morador de rua, entendido por ela como - humanos que vivem em condições de não humanos.

Seus Lugares de amor são:

- Colégio Leonardo da Vinci, onde foi professora por muitos anos e lugar onde a filha estuda;
- Estádio do Internacional seu time do coração, e lugar que gosta de ver do avião, senta na janela para vê-lo na chegada.
- Campus do vale = lugar de luz, oportunidade de trabalho:

'No Campus do Vale eu tinha um sentimento de Eu posso ser gente, posso disputar espaço. Meu maior sonho era ser professora do Estado, tudo que veio depois, foi após esse primeiro sonho. Não é que eu tenha aprendido grande coisa no curso de Geografia, mas o lugar me fazia sentir a melhor pessoa do mundo.'

Conta dos sacrifícios que precisou fazer e da discriminação que sentiu para concluir a graduação. Durante todo o curso, por dois dias na semana ficou sem almoçar porque dava aula em uma escola no turno da manhã e tinha aula no turno da tarde no Campus do Vale. Escondia-se no ônibus para comer o ovo cozido que servia de almoço nesses dias. Caminhava do centro onde morava até o Instituto de Educação Flores da Cunha onde trabalhava. Exausta, não tinha outra maneira de locomoção, não conseguia pagar mais do que duas passagens de ônibus, reservava estas para a ida e a volta ao Campus do Vale.

‘Na minha época, para eu conseguir o que eu consegui, tive que perder muito, perder horas de sono... Durmo muito pouco até hoje. Fazia o doutorado com 60h semanais na sala de aula da Educação Básica. ’

Durante e após a graduação, trabalhou no Instituto de Educação (centro) e na Escola Estadual Pedro Toqueto (periferia), assim conseguiu compreender Porto Alegre, andando, observando, perdendo-se e encontrando-se. Percebia que na periferia os professores iam trabalhar de mau-grado, os alunos tinham grandes dificuldades de aprendizado e a maioria dos alunos era negra. Concomitantemente trabalhou na Escola Santa Rosa de Lima, uma escola particular no bairro Santa Cecília, onde, curiosamente não tinha alunos negros. Em 25 anos, como professora do colégio Leonardo da Vinci viu se formar apenas dois alunos negros. Infelizmente um deles foi morto confundido com bandido.

‘Eu vim de uma cidade que tinha índios e italianos não tinha negros, aqui eu encontrei vários e o território deles não era antigo, era novo e era a periferia, a pobreza. ’

‘Porto Alegre despertou em mim uma coisa que eu não tinha - a sensibilidade com o outro, eu não fui educada para isso. Foi a minha profissão que me fez compreender a cidade. Ser professora é a maior paixão da minha vida. ’

Julga que é relativa à valorização do seu trabalho. Pensa que particularmente sim, pelos alunos, as pessoas que a procura para palestras... Mas não por quem não merece como os políticos, por exemplo. Tem pena do professor que se forma atualmente, porque não acha que ele vá enxergar o encantamento da sala de aula. Assim conclui que:

‘O encantamento está no erro relativo do aluno e do professor, o erro é quando se percebe que tem o porquê do refazer. O erro é a continuidade do acerto. O tempo faz bem para o professor que souber aproveitar esse tempo para aprender na docência, o tempo imprime um valor significativo nos itinerários de vida de um professor. ’

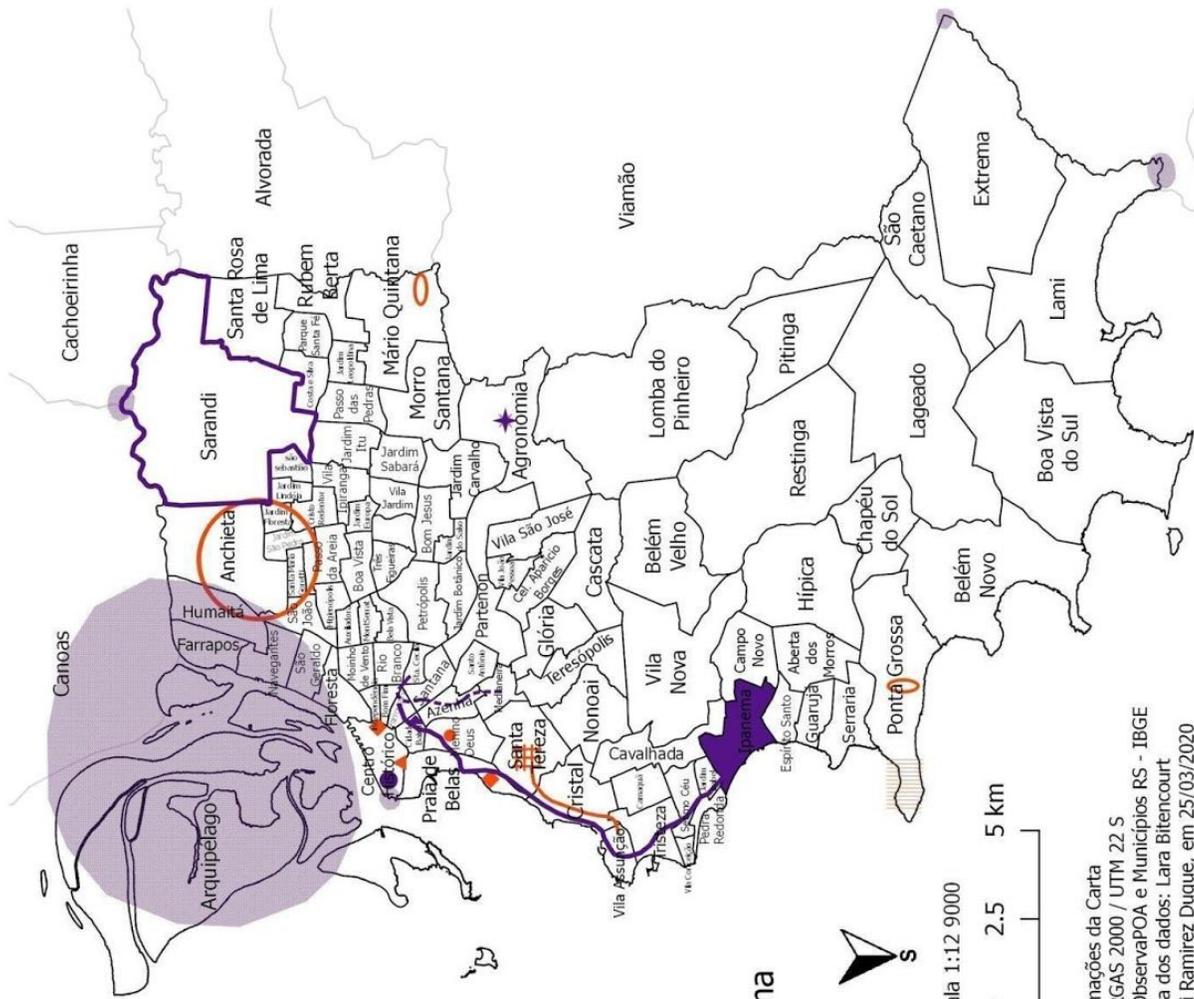
QUEM VEM DE FORA FAZ AQUI O SEU LUGAR

São muitas as possibilidades do ativismo

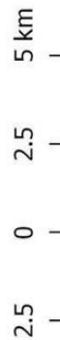
- ▲ PROPUR
- Moradia
- AIEIS
- ▨ Arado Velho
- Recanto Verde
- ◆ Assentamento 20 de Novembro
- ▩ Morro Santa Tereza
- Tronco
- Nazaré

Porto Alegre é a continuidade de mim mesma

- Escolas
- ▶ Pessoa em situação de rua
- Encantamento
- ★ Luz Importante
- Fragilidade
- ▬ Estranhamento
- ▭ Estranhamento
- Lugar



Escala 1:12 9000



Informações da Carta

Datum: SIRGAS 2000 / UTM 22 S
 Shapfiles: Birros POA - ObservaPOA e Municípios RS - IBGE
 Elaboração e coleta dos dados: Lara Bitencourt
 Cartografia: Laisa Zatti Ramirez Duque, em 25/03/2020

4. CAMINHOS DO TORNAR-SE GEÓGRAFA EM PORTO ALEGRE/RS

Uma das formas de exercer autonomia é possuir um discurso sobre si mesmo. Discurso que se faz muito mais significativo quanto mais fundamentado no conhecimento concreto da realidade. (SOUZA, 1983:17).

Os caminhos construídos ao longo desta pesquisa, indicam algumas das múltiplas possibilidades de tornar-se geógrafa. Tomando Porto Alegre como Lugar na relação local-global, reunimos a partir das narrativas das geógrafas percepções particulares e universalizantes do fenômeno de se tornar. Através da concentração do espaço urbano somos provocadas a pensar a nós mesmas em maio a tantos, visto que a cidade exige de nós a descoberta e a afirmação de nossas identidades. Como geógrafas, disputando o campo profissional a questão não é diferente.

O exercício de narrar a si mesma amplia nosso horizonte reflexivo ao articularmos a função de sujeito e objeto de pesquisa mediada por esta prática. Assim é possível representar as estórias e trajetórias experienciadas pelas geógrafas em suas relações com a cidade e o processo de tornar-se, afirmando esses processos ao narrar-se. Tal qual destaca Alicia Lindón:

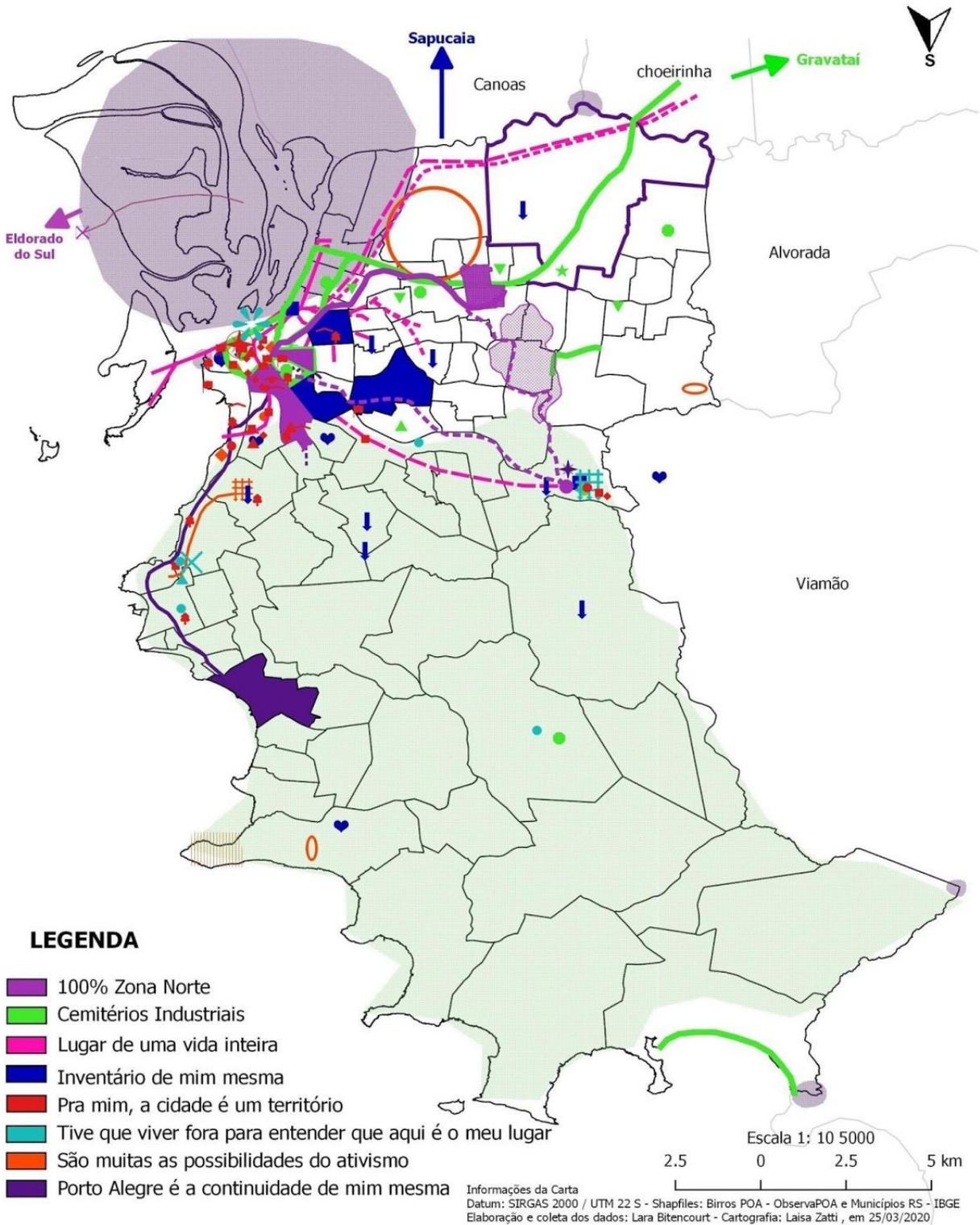
Así, cuando una persona verbaliza una idea de contenido espacial vinculada a su vida, ello tiene una fuerte inercia para que realice a posteriori acciones encaminadas por esa idea. Por ejemplo, puede existir en un sujeto una idea poco clara o una imagen respecto a una posible migración, o un cambio residencial, pero en el momento de expresarlo verbalmente, esas palabras operan con capacidad para configurar acciones para concretarlo. Otras veces, la reconstrucción narrativa de un acontecimiento vivido le permite al narrador darle una forma particular a lo multiforme que vivió. Ello no solo tiene implicaciones configuradoras del recuerdo como algo anecdótico, sino también en su hacer futuro. Al narrarlo de cierta forma, lo interpreta en una perspectiva y será posible que ajuste otros ámbitos y relaciones de su vida de acuerdo a esa interpretación. (LINDÓN, 2003: 16).

São exitosos os caminhos que tornam geógrafas de minhas entrevistadas. Ainda bem! Pois, suas trajetórias inspiram esperança de prosperidade no caminho do fazer geográfico, sem deixar de estar atenta e disposta a encarar os obstáculos que invariavelmente se fazem presentes.

As cartografias de trajetórias, destacam e afirmam os discursos contidos nestes processos. As lógicas de atuação no espaço, ainda que parecidas em alguns aspectos como o Lugar de formação, estão marcadas por temporalidades diferenciadas que criam diferentes vibrações nas inter-relações com os sujeitos, a cidade, e os processos de tornar-se mulher e geógrafa. No universo desta pesquisa, temos avós, mães e filhas, com a diferença de 45 anos entre a mais antiga e a mais jovem. A partir destas temporalidades diferenciais se expressam também múltiplas espacialidades que quando cartografadas não confinam o Espaço no Tempo e nem o Tempo no Espaço, pelo contrário, registra a coexistência dessas muitas formas de tornar-se geógrafa em Porto Alegre.

Registra também fragmentos de cidade que quando reunidos espacializam o fenômeno de tornar-se em sua complexidade e pluralidade narrativa. Com isso, temos os destaques dados pelas geógrafas da Zona Norte, onde as relações centro-periferia são percebidas e a partir delas se fazem relações com a região metropolitana de Porto Alegre. Visto que estas relações não estão tão destacadas entre as geógrafas de outras partes da cidade. As narrativas das geógrafas do Eixo Leste-Oeste transitam pelos mesmos Lugares em temporalidades diferentes que se encontram através deste exercício cartográfico. Para as geógrafas da Zona Sul, as relações pessoais ganham destaque a partir das conquistas como a casa própria e a independência financeira proporcionada pelas relações profissionais solidamente construídas, e oferecem um contraste em relação às narrativas das demais entrevistas, que a exceção de mim, são mãe e avós, de modo que esses papéis provocam outros comportamentos e espacialidades não compartilhados por mim e as geógrafas da Zona Sul, pois mesmo com as independências e autonomias financeiras e habitacionais, não deixamos de perceber a cidade e nossas trajetórias enquanto filhas. Por fim, as narrativas das geógrafas que Vem de Fora e fazem aqui o seu Lugar, trazem uma riqueza narrativa que representa a cidade a partir de olhares difusos, pois se relacionam com diferentes Lugares e tecem pontes a partir deles, na construção de pertencimento engendradas pela vida pessoal e profissional expandem os horizontes da cidade e desta cartografia.

CAMINHOS DE TORNAR-SE GEÓGRAFA EM PORTO ALEGRE



4.1 Janelas para pensar o tornar-se

Para encaminhar as considerações finais deste trabalho que não se esgota aqui, penso que se faz necessário abrir algumas janelas de reflexões sobre o caminho percorrido ao longo desta pesquisa. Para isso, retomo as questões elencadas nas páginas iniciais que trazem os seguintes questionamentos: (1) basta que nós mulheres ocupemos lugares nos cursos de Geografia para que seja pensado o papel e a presença feminina na produção de conhecimentos geográficos? (2) Tem alguma diferença entre as Geografias das geógrafas e a Geografia dos geógrafos? (3) Entre bacharéis e professoras a distância é a mesma ou se comprime? (4) Como comprovar essa questão, na prática? (5) Que Geografias são essas que são praticadas pelas Geógrafas em Porto Alegre? (6) Como pensamos, e será que pensamos, a ciência de nosso fazer?

Do princípio. Não, não basta que nós, mulheres ocupemos os espaços da academia, da escola e/ou da produção de conhecimento para que nossas presenças, contribuições e trajetórias não sejam invisibilizadas. E esse é um jogo de representação dado pela afirmação e o reconhecimento que tem de ser engendrado a partir de nós. Ao longo das entrevistas e como reflexo de reações em relação a este trabalho pude perceber que pensar a presença e o poder da presença feminina na produção de conhecimento é um assunto que gera mal-estar entre homens e mulheres, os primeiros pela simples razão de que quem possui privilégios de dominância não quer ser questionado por isso; as segundas por um processo violento de acultramento e invisibilidade. O processo de se perceber diferente e de reclamar essa diferença em nome da pluralidade é tarefa frustrante e dolorida, porque isso exige conhecer a si mesma em suas potencialidades e limitações, mas primeiramente, reconhecer a enorme desvalorização que está presente no tratamento dado as mulheres em nossa sociedade. Logo, para se inserir e de certo modo também se sentir pertencente ao ambiente acadêmico, como mecanismo de defesa, a mulher acaba por isolar-se de suas iguais, masculinizando sua forma de atuação para que a partir deste modo de ser

naturalizado entre os colegas acadêmicos ela possa então inspirar alguma credibilidade. Em um depoimento recolhido por Heloísa Buarque de Hollanda, Luisa Erber, professora do departamento de teatro da UniRio traz a seguinte reflexão:

Posso estar totalmente enganada, mas me parece que na academia há uma oscilação constante entre a negação do corpo - a negação de sua existência - e o fetichismo misógino. Nenhuma dessas formas de entender ou abordar o corpo da mulher é saudável, ou interessante para nós. Por um lado, é como se ainda se cultivasse uma dicotomia entre corpo, sensualidade, e inteligência, vida intelectual. Por outro lado, todos os abusos e misoginias são relacionados aos corpos femininos e aos índices de feminilidade convencionais. Curiosamente, se uma pesquisadora/professora se impõem intelectualmente de forma mais incisiva é como se ela perdesse instantaneamente o corpo e seu estatuto de mulher. Isso mostra a que ponto o imaginário acadêmico - e incluso aqui todos os senhores intelectuais e refinados em suas áreas de atuação - ainda é extremamente machista e convencional. (HOLANDA, 2018: 229).

Em nenhum momento deste trabalho levantei explicitamente a bandeira feminista, não por não considerar a potência e natureza feministas das reflexões reunidas neste material, mas sim para não constranger minhas entrevistadas, que posteriormente até não me autorizaram a publicação de suas entrevistas. Ainda há entre nós, mulheres acadêmicas um enorme temor, desconhecimento e conseqüentemente falta de reconhecimento das pautas feministas. E esse temor se dá a partir de uma leitura extremista onde se crê que feministas querem ver os homens mortos, até de interpretações opressivas que dizem juntamente o contrário, que para ser feminista, uma mulher não pode vincular-se as relações masculinas sobre quaisquer circunstâncias, negando assim qualquer possibilidade de relações afetivas e familiares. A partir desse temor reforçamos e reproduzimos discursos masculinos que nos fragilizam e nos afastam umas das outras. É mais que necessário, como também urgente pensarmos nossa presença e nosso fazer na academia, a partir e para além dela, seja na Geografia ou em qualquer outro campo de produção de conhecimento.

Sobre as diferenças entre as Geografias femininas e as Geografias masculinas, a principal delas diz respeito a produção de discursos que por sua vez, fortalece e visibiliza a afirmação de presenças. Heloisa Buarque de Hollanda exemplifica esta questão destacando a política de publicação universitária, ao colocar que:

No ambiente universitário, escrever e publicar é o que promove e circunscreve as relações de poder na academia. Além da docência, disputar espaços de

publicação, dedicar tempo de trabalho para a redação de relatórios de pesquisa e de artigos são tarefas da profissão. Como em todas as suas atividades profissionais, as mulheres na academia têm que enfrentar uma complexa dupla jornada de trabalhos domésticos e cuidados com filhos. Uma política de publicação que contemple mulheres autoras é uma forte demanda, e o incentivo à publicação de pesquisas com perspectivas de gênero e ou feministas vem sendo um esforço recorrente. (HOLLANDA, 2018: 221).

Além da falta de um calendário e de políticas de publicação que contemplem pesquisadoras nos períodos de gestação e dupla jornada familiar, cabe também o incentivo a publicação dos trabalhos de professoras pesquisadoras da educação básica, que compreende grande parte do quadro docente nesta modalidade, mas que não possuem insumos nem incentivos para isso. Repito, quando fiz o convite para as entrevistas muitas de minhas colegas geógrafas não se sentiram confortáveis em aceita-lo, pois por serem professoras, não se consideravam geógrafas.

E com isso, chegamos a terceira questão sobre a relação de pertencimento de bacharelas e licenciadas ao título de geógrafas. Não é unanimidade entre as entrevistas que a habilitação de licenciada constitui uma geógrafa. Entre as licenciadas se tem maior propensão em agregar ambas as habilidades como competência das geógrafas. Para as bacharelas deste recorte, a relação com a licenciatura se dá como um fim para o exercício da profissão, e está muito mais associada ao trabalho docente ao nível superior do que ao nível de educação básica. Uma bacharela-licenciada define sua identidade de professora como anterior a sua identidade de geógrafa que se constitui através de seu trabalho em geoprocessamento junto a uma secretaria pública. Mas destaca que sua formação como geógrafa, ou seja, de bacharela, lhe faz uma professora melhor, compreendendo uma relação de complementaridade entre às duas habilitações. Para mim, que também sou bacharela-licenciada sei que não consigo ser uma sem ser a outra, quando atuo em questões ditas bacharelescas através da gestão dos projetos junto aos quilombos urbanos da cidade, minha relação com as comunidades e os outros profissionais, é a de assumir uma postura pedagógica e dialógica, para aprendermos juntos, na prática. E o mesmo acontece quando exerço a função de professora, pois, procuro trazer as ferramentas da pesquisa e da extensão como elementos geografáveis para a sala de aula.

Essa falta de coesão em relação a quais habilidades compete a uma geógrafa demonstra nossa falta de reflexão sobre o tema, principalmente na formação em bacharelado de modo geral. Pois, ao ocupar a posição de bacharela o título de geógrafa já está dado, enquanto na posição de licenciada se faz necessário o trabalho de reconhecimento e afirmação. Penso que na construção dos currículos dos cursos de Geografia se deveria abraçar a complementaridade da formação de seus profissionais nas habilidades de bacharéis e de licenciados reconhecendo a todos como geógrafas/os. Assim como também, afirmar o destaque ao artigo definido de gênero, ainda que esta questão seja bastante nova entre os sujeitos.

Não raro foram os casos ao longo das entrevistas em que a afirmação das geógrafas em relação ao seu fazer se deu no masculino. O que é contraditório, pois são práticas enunciadas por mulheres, subscrevendo a invisibilidade feminina nas narrativas da produção de conhecimento. A questão que pedia pelas referências de geógrafas dessas mulheres quase sempre foram respondidas com surpresa seguida por uma pausa para a rememoração das mulheres que as inspiram em suas trajetórias, ao passo que as referências masculinas surgiam sempre aos montes. Mas, mesmo assim, é possível notar que mesmo não conhecendo a identidade quem das demais entrevistadas, muitas delas fizeram referências entre si.

Sobre a questão do trabalho e das lacunas não preenchidas no mercado de trabalho pela classe geográfica, fica a reflexão acerca de dois pontos que me chamaram a atenção. O primeiro diz respeito a licenciatura enquanto inserção no mercado de trabalho que é meio ou fim para todas elas, onde não raro acontece o movimento de ser aluna em um momento e depois vir a ser professora em uma mesma instituição. O segundo, é uma provocação acerca da ocupação do mercado de trabalho pela Geografia, voltado a elaboração de análises territorial e ambiental. Será que esses lugares não estão sendo ocupados por geógrafos, mas sim por geógrafas, e assim as geógrafas invisibilizadas em suas próprias narrativas, não percebem que são elas que estão ocupando esses lugares e conquistando novos espaços para a afirmação do fazer geográfico?

Nas narrativas de todas as entrevistadas ficaram evidentes os movimentos de vanguarda por parte delas ao estabelecerem conexões entre o curso de Geografia e a Arquitetura, a Biologia, e as Engenharias nas universidades, assim como de buscarem formação nas áreas dos Estudos Sociais, nas Engenharias e tantas outras. Ao trabalharem como geógrafas em ONGs que produzem análises para a gestão territorial e ambiental, promovendo parcerias e ocupando o mercado de trabalho.

Fica a minha provocação, será que quando dizemos que a Geografia não ocupa lugares no mercado de trabalho não estamos nos referindo às Geografias masculinas? Pelo que pude observar não é por falta de articulação e presença dessas e de outras mulheres que a Geografia não está inserida no mercado de trabalho, demandando parceiros e criando metodologias para a análise espacial. Percebo que sim, ainda falta a Geografia conquistar muitos espaços e sim faltam geógrafas e geógrafos em cada Secretaria do Poder Público e também na iniciativa privada para auxiliar na produção de conhecimento sobre o Espaço em todas as escalas. Mas, destaco que não é nada desprezível os caminhos que tornam essas mulheres geógrafas, e que elas têm uma potência de conquista de lugares para a Geografia no mercado de trabalho que deve ser reconhecido e afirmado na formação de todos.

A cartografia final deste trabalho é a síntese de todas as trajetórias em Geografia vivenciadas por essas mulheres na cidade de Porto Alegre. Nas narrativas apresentadas anteriormente é possível acompanhar o registro das estórias de formação e os processos de tornarem-se geógrafas na cidade, com destaque para suas trajetórias profissionais e pessoais, entendendo seu fazer geográfico através do viés do trabalho e do estilo de vida dado pelos Lugares marcados por elas em suas legendas.

Encerro este trabalho agradecendo imensamente a todas que contribuíram para esta pesquisa, que não tem por objetivo chegar a uma resposta definitiva às questões levantadas inicialmente, mas fazer uma pequena contribuição acerca de metodologias cartográficas para a visibilidade de discurso. Além da intenção de nos fazer pensar sobre as nossas narrativas acerca da produção de conhecimento, enunciadas a partir

do Lugar que ocupamos. Penso que as questões de gênero e Lugar merecem mais destaque nos currículos da Geografia, acostumado a falar do Espaço a partir da análise das macroestruturas consolidadas através do Estado e dos sistemas econômicos, ao mesmo tempo, em que negligencia um olhar mais detalhado para os sujeitos que produzem o Espaço e seus próprios discursos sobre ele. Por isso carecem registros e metodologias cartográficas voltadas a valorização dessas presenças. Espero também que com este trabalho contribuir a dupla tarefa cega de nós pesquisadoras e pesquisadores pensarmos a nós mesmos e as suas práticas. Com sorte, torço para que essas páginas nos façam abrir janelas para pensar e construir portas que nos conduzam as práticas geradas a partir destas reflexões.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Ab' SABER, Aziz Nacib. **O que é ser geógrafo: memórias profissionais de Aziz Nacib Ab'Saber** / em depoimento para Cynara Manezes. - Rio de Janeiro: Record, 2007.

AMORIM, Marília. Vozes e silêncios no texto de pesquisa em ciências humanas. *In: Cadernos de Pesquisa*. N° 116. São Paulo, 2002.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: Fatos e Mitos (Vol.1)**. 4.ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

BITENCOURT, Lara Machado. **O retrato do geógrafo quando jovem: cidade imaginária**. Trabalho de conclusão de curso, UFRGS. Porto Alegre, 2014.

BUTTNER, Anne. Lar, horizonte de alcance e o sentido de lugar. Trad. Leticia Padua. *In: Geograficidade*. Vol. 5, N° 1: Rio de Janeiro, 2015.

CLAVAL, Paul. **Epistemologia da Geografia**. Tradução Margareth de Castro Afeche Pimenta e Joana Afeche Pimenta. 2° ed. rev. - Florianópolis: Ed. da UFSC, 2014.

FUNDAÇÃO DE APOIO AO COLÉGIO ESTADUAL JULHO DE CASTILHOS, disponível em <https://fundacaojulinho.wixsite.com/fundacaojulinho> acessado em janeiro de 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia - saberes necessários à prática educativa**. 54ª ed. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

GAMALHO, Nola. Narrativas do espaço nas histórias de vida: os desafios das metodologias qualitativas na geografia. *In: HEIDRICH, A. & PIRES, C.L.Z. (orgs.) Abordagens e práticas da pesquisa qualitativa em Geografia e saberes sobre o espaço e a cultura*. Porto Alegre: Editora Letra1, 2016.

GEOGRAFIAS FEMININAS: papel do gênero da geografia brasileira. **Jornal da USP**. São Paulo, 05/09/2018. Sessão; Artigos. Disponível em <https://jornal.usp.br/?p=193208> Acesso em 28/01/2019.

GIRARDI, Gisele. Mapas desejantes: uma agenda para a Cartografia Geográfica. *In: Pro-Posições*. Vol. 20. Nº 3. Campinas, 2009.

GOMES, Paulo César da Costa Gomes. **O lugar do olhar - Elementos para uma geografia da visibilidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

HAESBAERT, Rogério. Lugares que fazem diferença: encontros com Doreen Massey. *In: GEOgraphia* - Vol 19 - Nº 40: Rio de Janeiro, 2017.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Explosão feminista: arte, cultura, política e universidade**. 1ª ed. Companhia das Letras. São Paulo, 2018.

JOYCE, James. **O retrato do artista quando jovem**. Livro vira-vira 2, tradução de José Geraldo Vieira. Rio de Janeiro: BestBolso, 2012.

LACOSTE, Yves. **A geografia - isso serve antes de mais nada para fazer a guerra**. Lisboa: Iniciativas Editoriais, 1977.

LEFEBVRE, Henri. **La producción del espacio**. trad. Emilio Martínez Gutiérrez - Madrid: Capitán Swing, 2013 [1974].

LINDÓN, Alicia. Las narrativas de vida espaciales: una expresión del pensamiento geográfico humanista y constructivista. *In: La vida cotidiana y su espacio-temporalidad*. LINDÓN, A. (Org.). Anthopos Editorial. México, 2000.

_____. De las geografías constructivistas a las narrativas de vida espaciales como metodologías geográficas cualitativas. *In: Revista da ANPEGE*. Vol. 4, Nº 4. São Paulo, 2003.

MASSEY, Doreen. **Pelo Espaço: uma nova política da espacialidade**. Tradução Hilda Pareto Maciel e Rogério Haesbaert - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

_____. Filosofia e política da espacialidade: algumas considerações. Tradução: Rogério Haesbaert. *In: GEOgraphia* - Ano 6 - Nº 12: Rio de Janeiro, 2004.

_____. Um sentido Global do Lugar. Tradução de Pedro Maia Soares *In: O espaço da diferença*. ANTUNES, Antônio A. (Org). Campinas, SP : Papyrus, 2000.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. Tradução Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. Ed. revista e modificada pelo autor. 2ª ed. - Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1998.

PASSEGI, Maria da Conceição. Narrar é humano! Autobiografar é um processo civilizatório. *In: Invenções de vida, compreensão de itinerários e alternativas de formação.* Maria da Conceição Passegi e Vivian Batista da Silva (Org.) São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

ROLNIK, Suely. O corpo vibrátil de Lygia Clark. *In: Folha de São Paulo.* Publicado em 30 de abril de 2000. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs3004200006.htm> acessado em fevereiro de 2020.

SANTOS, Milton de Almeida. Por uma geografia cidadã: Por uma epistemologia da existência. **Boletim Gaúcho de Geografia.** Porto Alegre: Associação dos Geógrafos Brasileiros - Seção Porto Alegre, 1996.

SECRETARIA MUNICIPAL DE URBANISMO (SMURB). **Mapa geral - Especialização dos limites de bairros de Porto Alegre.** Lei 12.112 - Anexo I. Prefeitura Municipal de Porto Alegre (PMPA), 2016. Disponível em: http://dopaonlineupload.procempa.com.br/dopaonlineupload/1857_ce_172548_2.pdf acessado em maio de 2018.

SEEMANN, Jörn. Estratégias pós-fenomenológicas para cartografar uma região: narrativas, mapeamentos e performances. *In: Geograficidade.* Vol. 3, Nº 2: Rio de Janeiro, 2013.

_____. Mapas e percepção ambiental: do mental ao material e vice-versa. *In: OLAM - Ciência e Tecnologia.* Vol. 03 n. 1. Rio Claro, Setembro, 2003.

SILVA, Joseli Maria. ORNAT, Marcio José. Mundialização do conhecimento científico e controle do privilégio epistêmico na geografia: poder e sexualidades no Brasil. *In: GEOgraphia* - Ano. 18 - Nº 36: Rio de Janeiro, 2016.

SILVA, Joseli Maria. Corpo, Corporeidade e Espaço na análise geográfica. *In: Maneiras de ler: geografia e cultura.* Álvaro Luiz Heidrich, Benhur Pinós e Cláudia Luisa Zeferino Pires (Orgs.). Imprensa livre: Compasso Lugar Cultura. Porto Alegre, 2013.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

SANTOS, Milton. **O trabalho do geógrafo no terceiro mundo**. tradução Sandra Lencioni. 5ª Ed. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

_____. Por uma geografia cidadã: por uma epistemologia da existência. *In*: **Boletim Gaúcho de Geografia**. N° 21. Associação dos Geógrafos Brasileiros - Seção Porto Alegre, 1996.

TUAN, Yi Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da existência**. São Paulo: DIFEL, 1983.

_____. **Topofilia: um estudo de percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: DIFEL, 1980.

WOOLF, Virginia. **Profissões para mulheres e outros artigos feministas**. Tradução Denise Bottmann. Porto Alegre: L&PM.